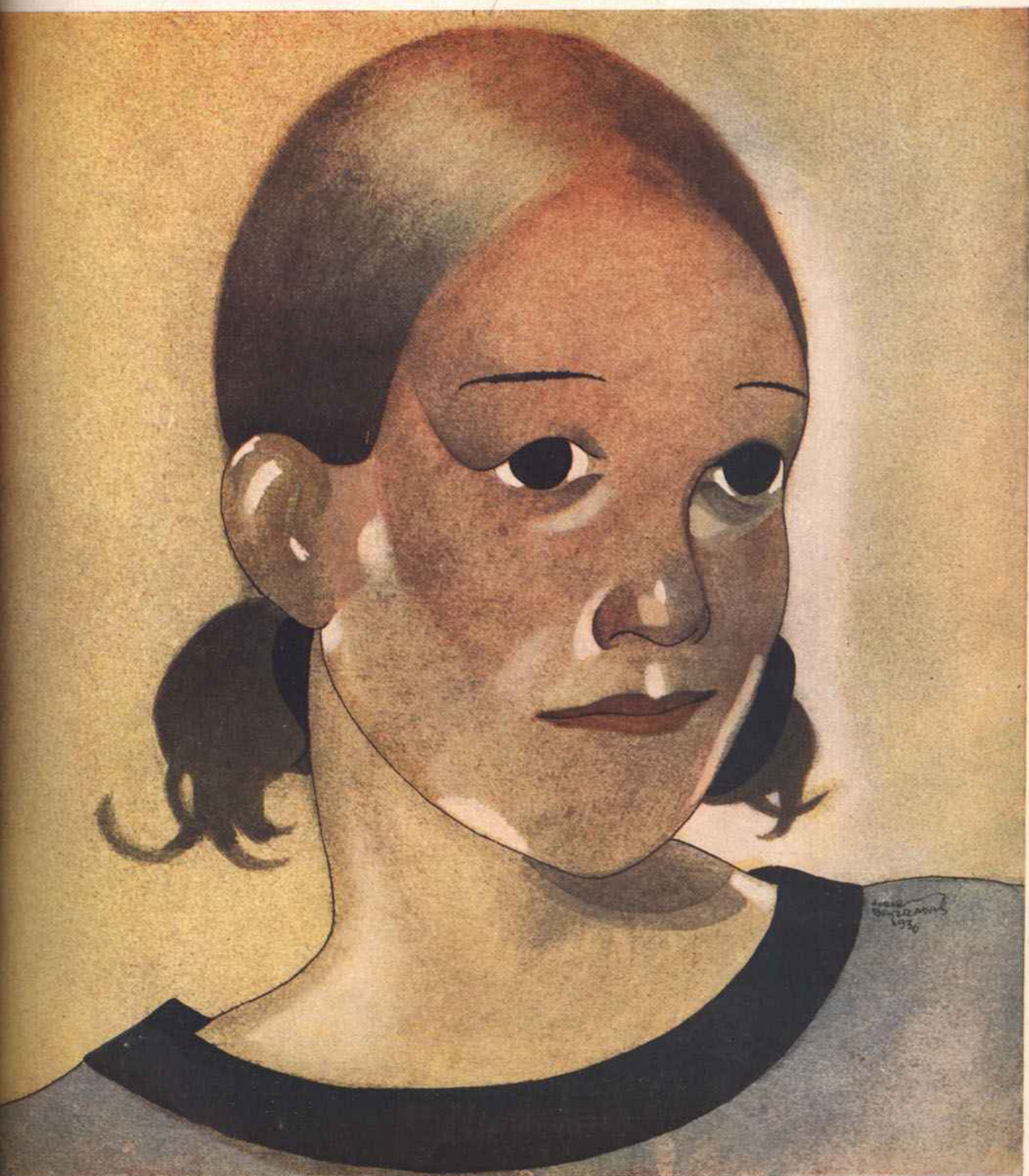


ILUSTRAÇÃO

R. Antunes. Espinalda



A N O
- 5.º -

Lisboa, 1 de Agosto de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 111 -

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bem-estar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



Dentro de vinte anos! . . .

Os vossos filhos poderão ser, ainda passados muitos anos, os Bébés, cheios de vida, de alegria, irrequietos, graciosos, que hoje constituem o vosso maior enlevo, o vosso mais legítimo orgulho! Esse milagre realiza-lo-ha um «Kodak»—o maravilhoso aparelho, que fixará as suas mais fugitivas expressões!

O encanto dos Bébés ficará eterno em fotos “Kodak”

Como é fácil, seguro, económico, registar em instantaneos «Kodak» toda a adorável infancia dos vossos Bébés! A Companhia Kodak, pôs ao vosso alcance aparelhos simples e eficientes que aprendereis a manejar em alguns minutos e que vos darão os mais perfeitos resultados. Não deixeis passar mais um dia sem constituir o album dos vossos filhos que, mais tarde, vós e eles apreciareis enternecidamente, como a melhor recordação da sua infancia.

«Kodaks» desde 130\$00
«Brownies» desde 70\$00

Em todos os estabelecimentos que possuirem esta insignia encontrareis um vasto sortido de aparelhos «Kodaks», para todos os preços, que podereis adquirir facilmente em dez pequenos pagamentos mensais.



Para que as vossas fotografias apresentem todo o encanto do original, deveis usar sempre Pelicula «Kodak» — em embalagem amarela — a pelicula usada em todo o mundo pelos bons amadores fotograficos.

Kodak Ltd., R. Garrett, 33-Lisboa

Biblioteca de Instrução Profissional

A mais completa que se publica em lingua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

Trabalhos de Carpintaria Civil

6.^a edição, revista e ampliada. Trata-se de um volume escrito por uma reconhecida autoridade no campo da construção civil o sr. Engenheiro *João Emilio dos Santos Segurado*.

394 páginas e 448 gravuras — PREÇO 15\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

Manual do Condutor de Automóveis

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

670 páginas e 715 gravuras — PREÇO 30\$00

FISICA ELEMENTAR

pelo capitão *Valdez Bandeira*, segundo o programa dessa disciplina nas Escolas Industriais e Comerciais

Elementos de História da Arte

pelo professor e ilustre pintor *J. Ribeiro Christino da Silva*

Manual do Torneiro e Frêzador Mecânicos

NOVA EDIÇÃO

307 páginas e 372 gravuras — PREÇO 13\$00

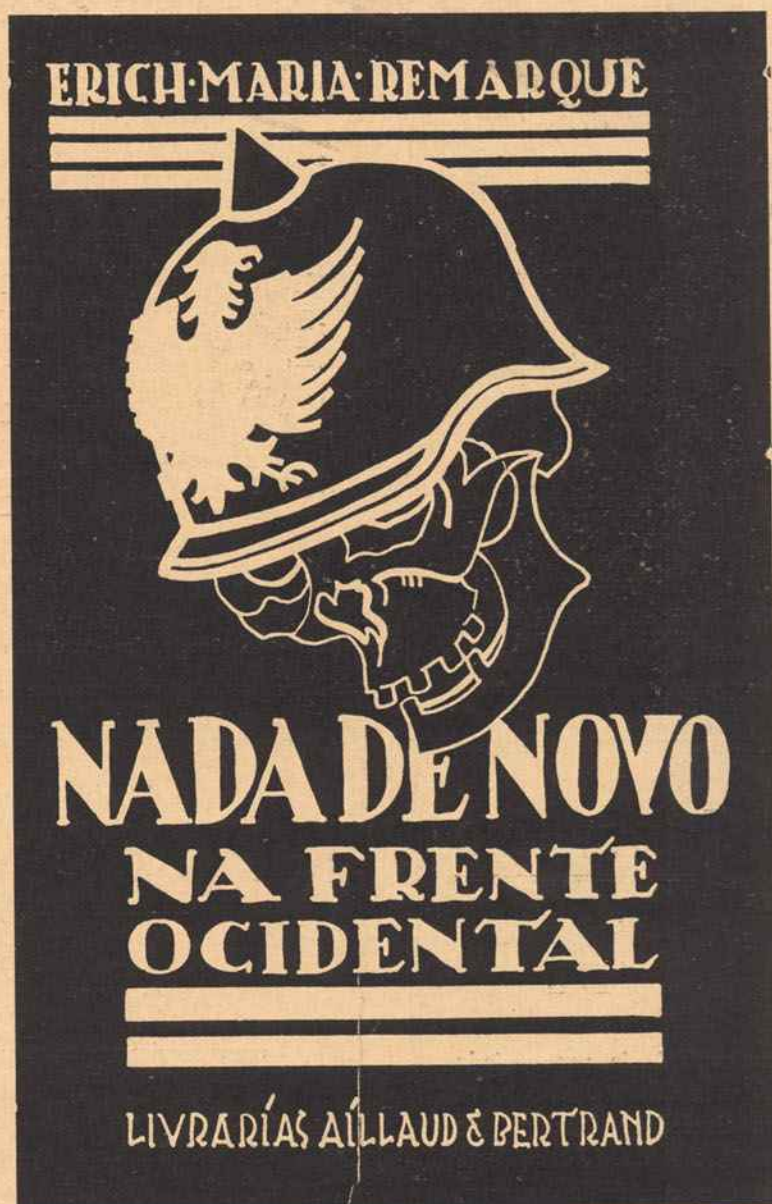
OBRAS NOVAS E NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

Elementos de projecções — Ferreiro — Vocabulário Técnico

DIRIGIR PEDIDOS ÀS

Livrarias AILLAUD E BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A ultima novidade literaria do nosso meio é:



A obra que tem alcançado maiores tiragens
em todas as linguas do Universo

Um volume brochado, 10\$00

Pedidos ás livrarias AILLAUD E BERTRAND

Todos devem ler

"A CARTILHA COLONIAL"

de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes :

- I — As nossas descobertas marítimas.
- II — As nossas conquistas.
- III — A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV — Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V — As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI — As missões religiosas.
- VII — As correntes emigratórias.
- VIII — A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartanagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denfs |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

Guerra Junqueiro e a Mulher

Nesta conferência, pronunciada no Ateneu Comercial do Porto e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, pela distinta e conhecida escritora **D. Emilia de Sousa Costa** surge em toda a sua grandeza a personalidade literaria do assombroso poeta português já fallecido.

Preço 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias»,
Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11

Grande Novidade Literária **FUMO DOS CASAIS**

DE

MARIA DA NOBREGA

Livro em que perpassam por nós, num delicioso encantamento, catorze magnificos contos

Flores de Pascoa — Tristezas do mar — Uma noite de insônia — Os tamanquinhos novos — Andorinhas — Uma noite de Natal — «Males de amor com amor se curam» — Clarão bendito — Ressurreição — A caçada do tio Louzado — Ansiedade — Surpresa tragica — Malfadada — O final da historia

PREÇO: 10\$00

A' venda na livraria do «DIARIO DE NOTICIAS», Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias



Os poços mortíferos!
As imitações!

Desconfiæ da água dos poços e das imitações.

Usae apenas os

LITHINÉS. Dr. GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com vinho. Soberanos contra afecções do **fígado, estomago e bexiga**. Desconfiæ das imitações e exigí a marca do **Dr. Gustin**, á venda nas Farmacias.

MAGAZINE
BEATRIZ

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA
LEIAM O NÚMERO DE AGOSTO




Pelos grandes calöres, o "Sal de Fructa" ENO, -com um pouco de sumo ou casca de limão, é uma agradável bebida, refrigerante e salutar. De preparação salina, efervescente, sem assucar nem sal mineral purgativo, o "Sal de Fructa" ENO mantém o bom funcionamento dos órgãos digestivos, combatendo a prisão de ventre, como o fariam os fructos bem maduros.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt"

SAL DE FRUCTA ENO FRUIT SALT

Deposítarios em Portugal: ROBINSON, BARDSELY, & C. LTD.
8. Caeo do Sodré, LISBOA.



NALLY

MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY



OLHAR QUE FASCINA
com o ondulador **RODAL**
das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Comestico, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanas. Alongue as suas pestanas com os productos **YILDIZIENNE** da



ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

As mais luxuosas instalações — DIRECTORA: MADAME CAMPOS
AVENIDA DA LIBERDADE, 55 — Peça catálogo gratis



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

dá á pele uma beleza e uma frescura incomparáveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não mascara e deixa na pele o seu perfume unico, persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERRAIS STETTEN & C.ª Lda 110, RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA — RUA DAS FLORES, 192, L.º

Leitura
agradavel

ROMANCES POPULARES

- A Torre do Nesle
- Sonho de Amor
- O Calvário do Amor
- O Homem do Fato Cinzento
- O Colar da Morta
- Os Companheiros do Odio
- O Ás do Pedal
- Satanás
- Guida — A Florista

Toaos estes livros, com lindas capas, estão á venda na Livraria do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10 e 11 — LISBOA — — —

Peça-o
Senhora



O bom gosto determina que o jantar seja rematado com um doce delicioso, nutritivo e de facil digestão. Os pratos preparados com a Maizena Duryea offerecem essas optimas propriedades, dahi a crescente popularidade de que gozam. Da proxima vez que V.S. tiver convivas, ou que preparar uma refeição para a familia, experimente uma das receitas do precioso livro de Receitas de Cozinha da Maizena Duryea, que lhe enviaremos com o maximo prazer se V. S. nol-o pedir.

CARLOS DE SA PEREIRA, L.º
Rua Arco Ban-
- :- deira, 115 - :-
LISBOA



GRATIS

MAIZENA
DURYEYEA

Grande novidade literária

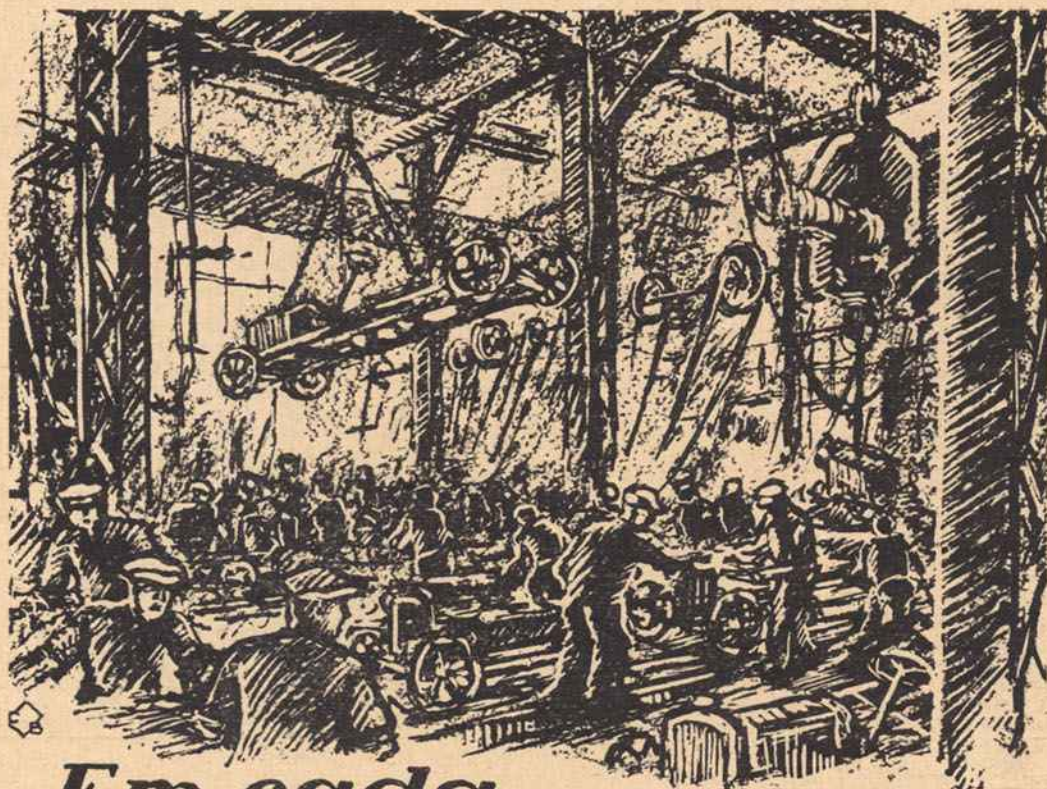
CAMINHOS DA VIDA

POR

D. HELENA DE ARAGÃO

É o título de um dos mais formosos livros últimamente publicados em Portugal. Contendo 14 admiráveis contos esta obra deve figurar nas estantes de todas as mulheres da nossa terra

Preço 8000 — Á venda na livraria do DIARIO DE NOTICIAS — L. Trindade Coelho, 10 e 11



***Em cada
100 fabricantes de
automoveis,
92 aprovam***

Os resultados de uma lubrificação deficiente só são visíveis, quando já não ha remédio.

A côr dos óleos, as suas propriedades físicas e químicas, podem ser, quando muito, provas para estabelecer a sua uniformidade, mas nunca indicam coisa alguma referente à qualidade.

Todos os fabricantes de automóveis sabem isto. É esta uma das principais razões, por que 92 % dos fabricantes americanos aprovam o



Mobiloil

Guie-se pela nossa Tabela de Recomendações

VACUUM OIL COMPANY

Productores da Gazoltna "AUTO-GAZO."

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO III

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824

1 DE AGOSTO DE 1930



«MISS PORTUGAL 1930»

A GENTILÍSSIMA PORTUGUESA D. FERNANDA GONÇALVES QUE FOI ELEITA PARA REPRESENTAR A BELEZA PORTUGUESA
NO CONCURSO MUNDIAL DO RIO DE JANEIRO

(Foto especial gentilmente executada pelo grande artista fotógrafo San Payo)



CRÔNICA DA QUINZENA

A INGLATERRA E A ÍNDIA

Em 24 de Junho último foi publicada em Londres a segunda parte do Relatório Simon. A imprensa internacional, que largamente foi comentando o documento, acabará por colocar o problema indiano muito acima do que muita gente supunha, declarando mesmo que da boa ou má solução desse importante problema dependem as futuras relações entre os dois continentes.

Na primeira parte do Relatório encontrase feito um pseudo estudo (expressão do jornalista hindú) das condições morais e mentais da Índia, que, se ao menos, vagamente, traduzisse a verdadeira realidade contemporânea da Índia, poderia talvez inspirar conclusões menos ilógicas. Infelizmente, porém, assim não succede, e Sir Chamanlal Sitalvad, membro do Conselho Legislativo de Bombaim e outros políticos, bem cedo tinham feito sentir ao governo a atitude que lhes ia merecer a Comissão Simon, nos seguintes termos: — *é evidente que as proposições da Comissão Simon, discordem em absoluto com as razoáveis e justas aspirações nacionais da Índia, dada a forma como a Comissão de Londres foi constituída e como ela chegou a operar com todos os seus defeitos orgânicos.*

Estas previsões pessoais reproduzidas nos jornais de maior tiragem, preparavam no meio indiano aquela calma que necessariamente precede as grandes tempestades. Viuse claramente então, como os elementos mais dispares e afastados da população indiana que os ingleses distribuem no seu cartaz imperialista como um fantástico mosaico de línguas que não se entendem, religiões que se odeiam e raças que se separam por antagonismos seculares, verificavam uma resultante de forças concorrendo para a magnífica consciência do seu nacionalismo.

Nesse momento solene, disse o Hindú, jornal de Madrastra: — *quaisquer que sejam as atitudes tomadas pelos partidos, ou pelo governo britânico, em relação à Comissão Simon, seria pura loucura esperar que a Índia examinasse e muito menos aceitasse discussões sobre qualquer conclusão do documento elaborado por essa Comissão.*

Os jornais nacionalistas, igualmente sóbrios na linguagem, foram fazendo eco, nas camadas populares, dessa doutrina política, distinguindo-se o *Swaraj*, que condensava nas suas colunas esta proclamação: *«Nenhum grupo político da Índia, sob pena de perder*

a própria dignidade moral, poderá ligar a mais pequena importância ao Relatório Simon.»

Foi assim que uma população de 319 milhões espiritualmente solidária, recebeu com franca hostilidade os homens enviados de Londres, que, por seu turno, nunca poderão desmentir a forte impressão que lhes causou o valor mental e moral da política nacionalista indiana, embora como bons laureados de Oxford e Cambridge soubessem silenciosamente encarar a superioridade alheia, afivelando a carrancuda máscara da diplomacia inglesa.

Depois das conveniências imperialistas se identificarem com as convicções morais na Inglaterra, era de esperar que a Comissão Simon, enviada para fazer um inquérito ao regime estabelecido pela Constituição de 1919, dispensasse oficialmente toda a colaboração efectiva de membros indianos nomeados, quando o fim político dessa comissão era de elaborar um projecto onde se devia conciliar o princípio da autonomia indiana com os interesses do Império Britânico. E por isso a Índia classificou essa Comissão insultuosa de seus bríos políticos e nula de todo o espírito jurídico.

Permita-se em abono da verdade dizer, no entanto, que a Inglaterra tem pago bastante caro este seu passo precipitado, porque cada dia que passa mais ela se convence de que a Índia tinha as suas aspirações bem pautadas e só poderia aceitar com o governo de Londres uma discussão de princípios num pé de igualdade. Nem a filosofia nacionalista nem a liberdade de pensamento que é o fundo da mentalidade política inglesa, podem nesta difícil contingência alvitrar sequer um raciocínio feliz para manter soldados ingleses na Índia. E menos ainda, um direito anti-democrático, poderá ser imposto em nome da democracia britânica num país onde séculos antes de Cristo, no tempo do rei Açoka, floresceu a liberdade do pensamento e já se tinha feito uma longa experiência com a filosofia positivista aplicada na política.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Aquele retrato vago, espectral, qual visão de um povo velho, fanático e triste, vivendo num ambiente macabro de superstições, que a Gran-Bretanha faz da Índia, na primeira parte do Relatório Simon, é talvez uma genial interpretação dos seus desejos políticos, apenas, porque a Índia contemporânea, impetuosa, viril e consciente dos seus altos destinos espirituais, universalistas de paz e harmonia entre os povos, entrenchada dentro da sua própria formosura moral de optimismos, desfraldou a sua bandeira com a seguinte fatídica inscrição: — *«Boicott British Goods. Use Swadeshi.»*

Esta admirável originalidade de processos que improvisou a Índia para combater a Inglaterra, tem dado resultados que as agências de informações não descrevem, porque são verdadeiramente surpreendentes, e se há processos mais práticos, embora muito difíceis de se pôem em prática, a fim de se ver livre dos modernos imperialismos comerciais e industriais, são os processos indianos, que a história política do mundo vai registando aos poucos na medida sempre imprevisível do seu enérgico e lento desenvolver.

Para cerrar esta crónica e para se ver rapidamente, num golpe de vista, o abismo que se cava entre a actividade volúvel da Inglaterra e a afirmação profunda, constante e intransigente da atitude da Índia, bastam os factos políticos da última quinzena, desde a prisão de Paudit Motilal Nehru, presidente do Congresso Pan-Indiano, e do dr. Sayd Mahmud, nacionalista mussulmano, registando-se como vantajosa compensação, para o nacionalismo hindú, a liberdade de M. Eallhabay Patel, que se encontrava prêsso, além do notável julgamento de Mrs. Captain, a illustre neta do grande homem Dadabhay Naoroji, que foi a gentil fundadora do *Desh Sevika Sangha* (o corpo de mulheres voluntárias), depois presidente do «Comité» de Guerra do Congresso de Bombaim. Foi condenada esta linda e jóveme parsi em três meses de prisão, juntamente com outras colaboradoras suas; e todas com um sorriso infatigável de beleza, acabam de aconselhar ao povo, numa carta escrita sob prisão, a *sempre intransigente fidelidade à religião de não violência e inflexível coragem no prosseguir da luta sem tréguas nem hesitações.*

Lisboa, 1930.

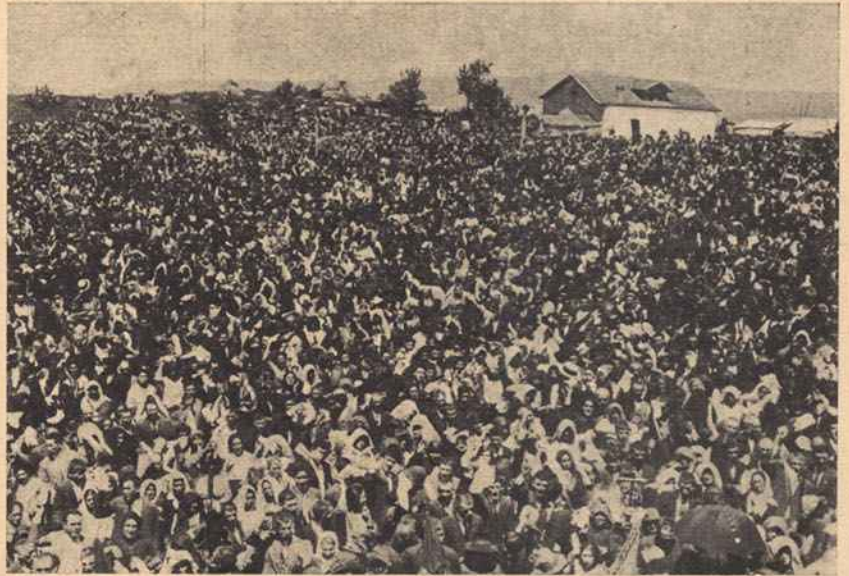
EUCARISTINO DE MENDONÇA.



O coronel Fred Abbot, presidente da Federação Interalliada dos Antigos Combatentes (Fidac) em Lisboa. *A esquerda* — O coronel Abbot passando revista aos seus humildes camaradas portugueses e apertando-lhes a mão. *No medalhão* — O presidente da Fidac discursando ante o monumento aos mortos da guerra



CONGRESSO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO EM BRAGA — O sr. Cardeal Patriarca lançando a bênção aos fiéis na peregrinação ao Sameiro



EM CIMA — A peregrinação ao Sameiro. Vista geral durante a missa. EM BAIXO — Uma proeza inédita executada pelo insigne equitador português Manuel Dantas Mendes Cruz que muito tem contribuído para o desenvolvimento do hipismo em S. Paulo (Brasil)



Doentes peregrinos, no Sameiro



O sr. Cardeal Patriarca rezando a missa campal no Sameiro



FIGURAS E FACTOS

A ESQUERDA: — S. Eminência o Cardeal Vanutelli, um dos mais nobres ornamentos do Sacro Colégio, antigo Núncio de S. S. em Lisboa, há pouco falecido com a idade de noventa e quatro anos. O último retrato do venerando Prelado com o ilustre português sr. Marquês de Faria, alto dignitário do Vaticano.
(Foto obsequiosamente cedida pelo sr. Marquês de Faria).

EM BAIXO: — Os festejos do 14 de Julho em Paris. — Transporte para o hospital dum dos muitos feridos gravemente durante a parada e desfiles militares, em virtude da aglomeração colossal de público.
(Foto Orríos).



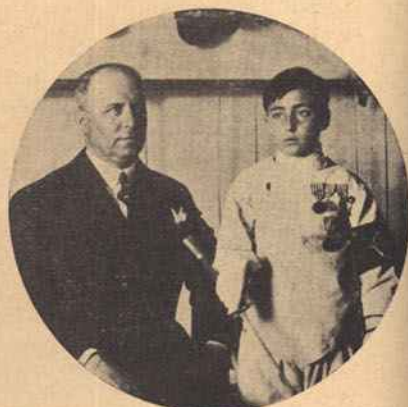
NO OVAL, de baixo: — Durante a parada do 14 de Julho, em Paris, fêz-se um desfile retrospectivo do exército francês: a infantaria de 1830 (há cem anos).
(Foto Orríos).



O insigne crítico taumático e escritor D. Bernardo da Costa (Mesquitela) que acaba de dar à estampa o seu livro *Touros de morte*, bela obra literária e de crítica taurina que é um dos sucessos editoriais da época não só pela autoridade do seu autor como pela clareza e elegância do seu estilo.



Na parada do 14 de Julho, em Paris, desfilaram com grande sucesso as tropas indígenas da zona marroquina francesa.
(Foto Orríos).



O MAIS PEQUENO FLORETISTA DO MUNDO E PORTUGUÊS? — Vitor Manuel de Sousa Garcia, nascido em 1919, é já um floretista premiado e notável. Na foto aparece com o seu mestre, o insigne professor major Sousa Dias.

POR ESSE MUNDO

A VIAGEM EM AVIÃO DE BYRD, AO POLO SUL — O comandante Byrd, um dos vencedores do Atlântico Norte, tentou e levou a cabo, com o mais absoluto êxito, uma expedição ao Polo Sul em avião.

As nossas fotos representam:

A direita — A base Byrd em pleno deserto de neve, quinhentos quilômetros distante do Polo Sul e de onde os aviões levantaram o voo transpolar.

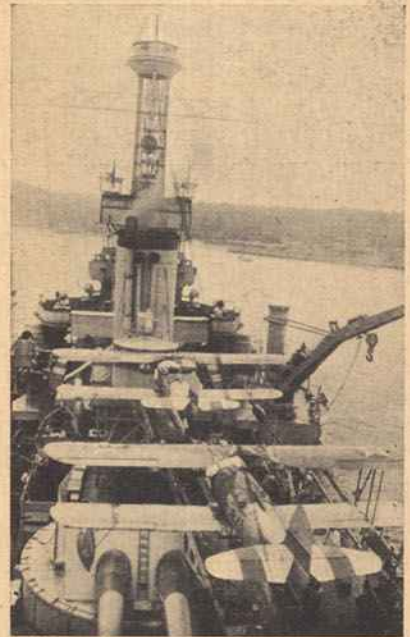
Em baixo — Os aviões de Byrd, repousando sobre as neves eternas, com os seus protectores das hélices e motores, antes de levantar voo.

(Fotos Orrios).



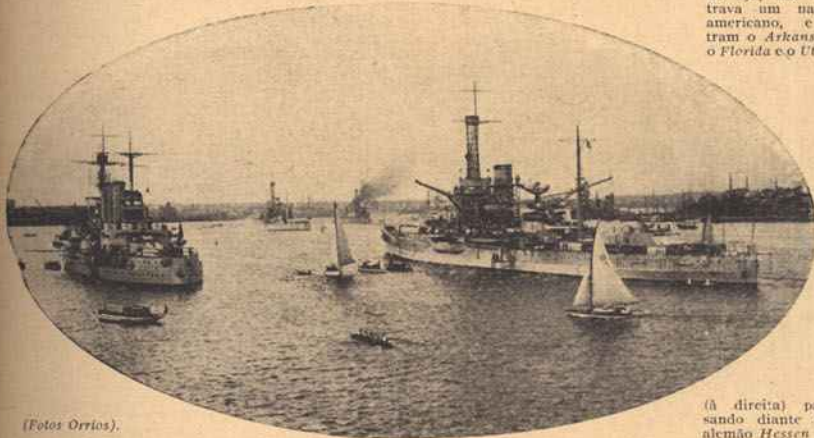
A ESQUADRA AMERICANA PERCORRE O MUNDO — Alguns dos mais modernos vasos de guerra yankees visitaram os grandes portos da Europa. **A direita** — O cruzado e porta-aviões *Northampton* no Tejo com os seus aparelhos de combate sobre as catapultas de lançamento.

No geral — No porto de Kiel, onde desde 1914 não entrava um navio americano, entram o *Arkansas*, o *Florida* e o *Utah*.



EM BAIXO — Uma linda foto do grande cruzado americano *Florida*, uma das mais modernas unidades dos Estados Unidos, passando, no porto de Kiel, em continência, ante a popa do cruzado alemão *Köln* de bordo do qual foi tirado o clichê. (Foto Orrios).

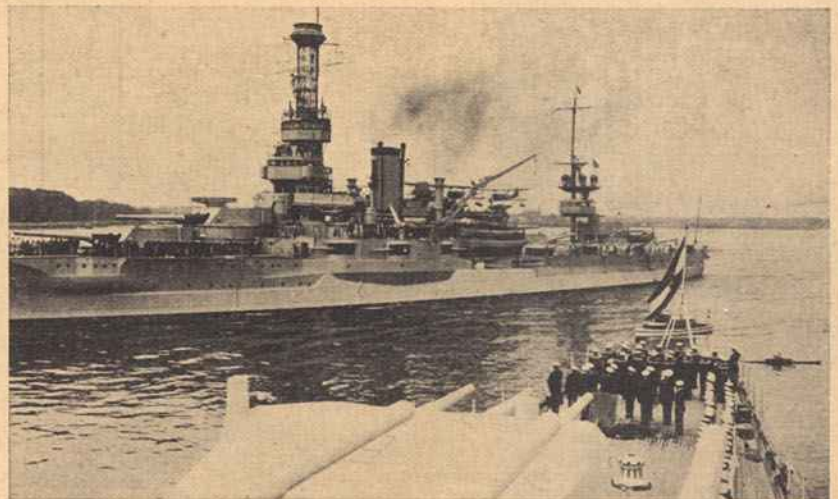
(À direita) passando diante do alemão *Hessen* (à esquerda)



(Fotos Orrios).



Aristides Briand, o lunático utopista da Paz Universal, autor do famoso *memorandum* a que, de toda a parte se responde com larga cópia de salamaleques e enfimismos, mas que deve estar a ver derruir o seu belo sonho dos Estados Unidos da Europa. (Foto «Ilustração»).



MUNDA NISMO



A ESQUERDA — Festa de homenagem à ilustre escritora e directora da revista feminina *Eva*, D. Helena de Aragão, a pretexto do seu aniversário natalício e levada a efeito na redacção daquela revista pelos colaboradores e redactores da mesma. Um grupo de lindas senhoras e distintas escritoras, funcionários superiores da «Empresa Nacional de Publicidade», escritores e artistas, que assistiram a brilhantíssima festa.

NO OVAL, ao centro do página — As galantes discípulas do curso de dança da professora D. Encarnação Fernandez, do Conservatório de Lisboa, que abrilhantaram a festa em honra de D. Helena de Aragão, na redacção da «Eva».

AO BAIXO DA PÁGINA — D. Helena de Aragão, entre as distintas escritoras: D. Carolina Homem-Cristo e D. Maria de Nóbrega e rodeada das sinistres escritoras e artistas que concorreram à homenagem prestada à ilustre directora da *Eva*.

(Fotos «Ilustração».)



Alves de San Payo, o grande artista da fotografia, querido e dedicado colaborador e amigo da nossa revista que, para nós, executou expressamente, o maravilhoso retrato do «Miss Portugal 1936» que ilustra hoje o nosso frontispício, verdadeira obra de arte.

(Cliché San Payo.)



Senhoras da nossa melhor sociedade que promoveram um belo chá de caridade no Tamariz com o mais lisongreiro êxito monetário e mundano.

(Foto «Ilustração».)





AS FESTAS DE TOMAR — No oval — O sr. tenente António Lopes dissertando sobre a vida e feitos de Gualdim Pais

EM CIMA, à direita — Festa cívica comemorando a conquista de Tomar feita por Gualdim Pais nos sarracenos, em 1190. O cortejo à sua passagem pela Praça da República

EM CIMA, à esquerda — O cortejo cívico desfilando pelo Castelo dos Templários

(Fotos «Ilustrações»)

NO OVAL, à direita — Em Peniche realizou-se a inauguração da luz eléctrica, tendo assistido os srs. ministros do Interior e Comércio e outras entidades oficiais

(Foto «Ilustrações»)



O eminente político brasileiro Dr. Júlio Prestes, presidente eleito da República Federal do Brasil, que acaba de passar em Lisboa, de regresso à sua pátria, e a quem foram prestadas as maiores homenagens

À DIREITA — Assistentes ao banquete de homenagem oferecido em Madrid ao nosso eminente colaborador Manuel Martínez Peduechy (ao centro na 1.ª fila) e para o qual assinaram a convocatória W. Fernandez Florez, Ricardo Baroja, Juan Cristóbal, João de Sousa Fonseca, Novais Teixeira, Francisco Pina, António Rolles, Alardo Prats y Beltrán, António Porrás, J. Octavio Picon, Lorenzo Dominguez e Luiz de Oteiza

(Foto Orríos.)

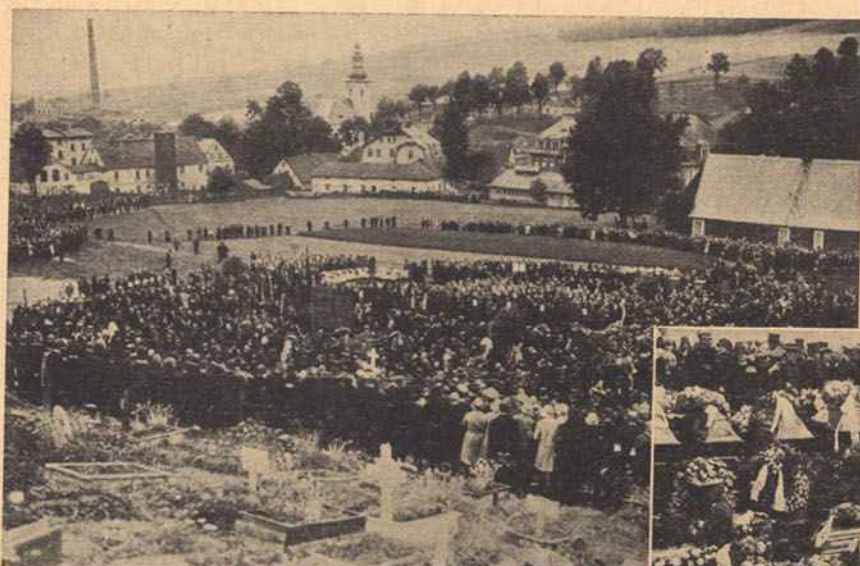


NOTAS DE REPORTAGEM

A GRANDE CATÁSTROFE DA SILÉSIA — Em Haasdorf, junto a Neurode, na Silésia, uma explosão de gás vitimou 141 pobres mineiros. *A esquerda* — As cerimónias fúnebres do enterro das vítimas da espantosa catástrofe

EM BAIXO — Um confrangedor espectáculo. Os féretros das vítimas aguardando, cobertos de flores, a hora do enterro

(Fotos Orriós)



NO OVAL, da direita — Um espectáculo macabro. Na risonha Silésia, enlutada pela catástrofe terrível das minas de Haasdorf, presenciou-se o horrível espectáculo das enormes galeras carregadas de caixões transitando pelas estradas

(Fotos Orriós)



EM CIMA — Aspecto do ataque ao incêndio voracíssimo que destruiu os gigantescos armazéns «Nouvelles Galeries», de Paris

EM BAIXO — Outro aspecto do ataque ao violento incêndio que, em pleno «Boulevard» parisiense, destruiu por completo as «Nouvelles Galeries»

(Fotos Orriós)

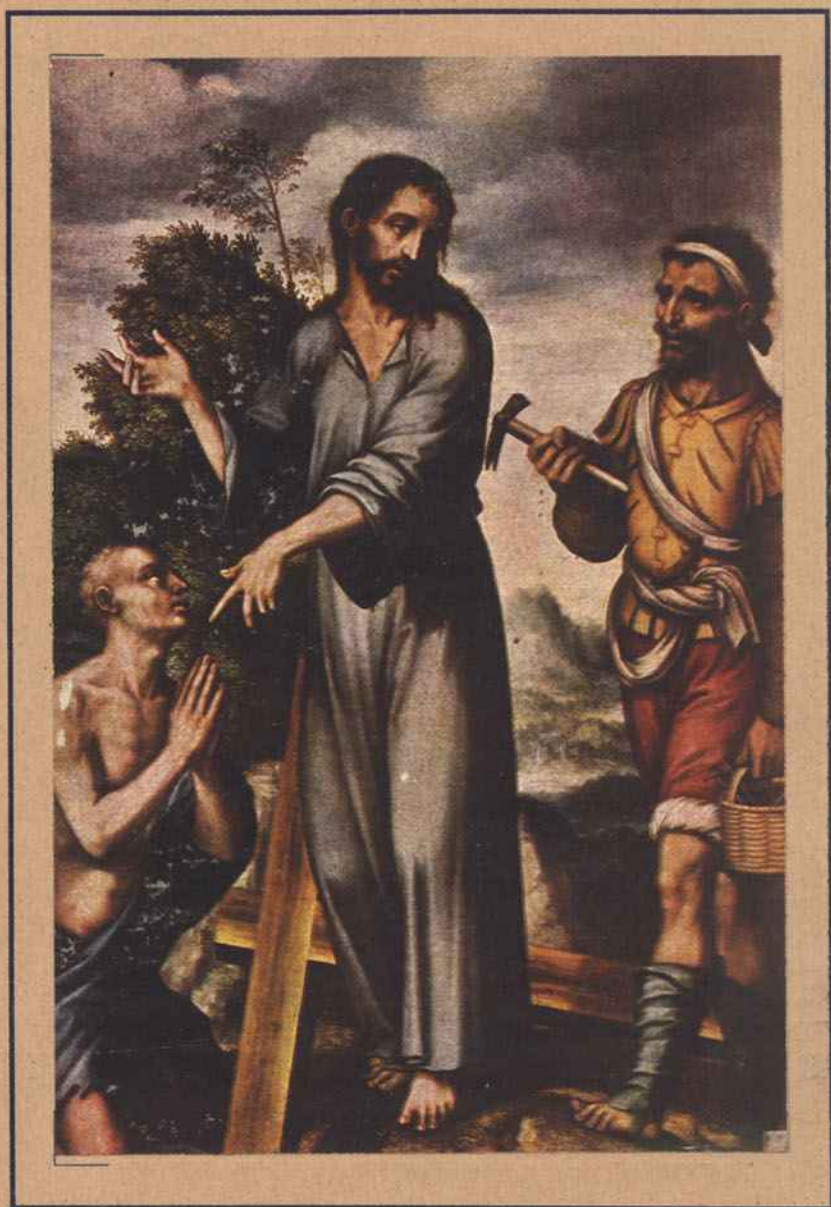


Trecho da exposição de pintura ultimamente realizada no Salão do Orfanato de Viena do Castelo pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Euália Santos e suas discípulas, todas das melhores famílias viennenses, onde foram apreciadíssimos todos os trabalhos pela selectíssima concorrência, destacando-se os trabalhos de talha da Escola Industrial executados num artísticos biombo pintado pela Ex.^{ma} esposa do sr. dr. Elio de Vasconcelos. — (Foto Aureliano Carneiro)



MUSEU DO PRADO

MADRID



LUIZ DE MORALES

(O DIVINO MORALES)

Alegoria

Cristã

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogeries, mercearias, etc., e por grosso na

Shell Company of Portugal, Limited

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o País

A VISÃO SÉRIA DE UM HUMORISTA

WENCESLAO FERNANDEZ FLOREZ

NEGAÇÃO DO POLITICO EM VOGA, FALA Á "ILUSTRAÇÃO," DA SITUAÇÃO POLITICA ESPANHOLA

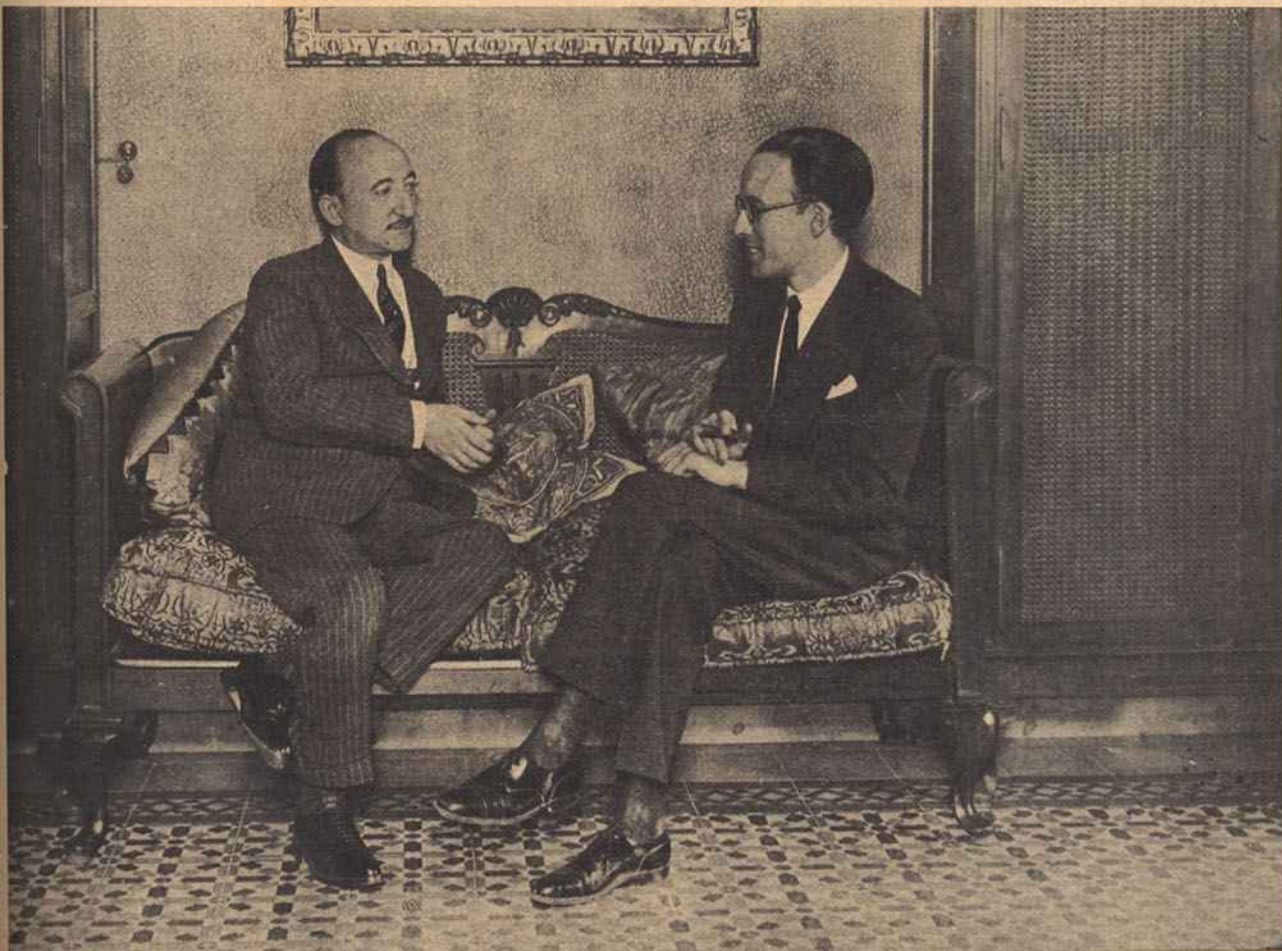
ACÉRCA DA SERIEDADE DOS POLÍTICOS E DA EFICÁCIA DAS ENTREVISTAS POLÍTICAS—POLÍTICOS VELHOS E POLÍTICOS NOVOS—O ESCRITOR ESPANHOL DURANTE A DITADURA—IBERISMO E FEDERALISMO—PLUTOCRACIA, EXÉRCITO E CLERO—ALGUNS VULTOS POLÍTICOS ESPANHOIS VISTOS PELO GRANDE HUMORISTA—O PROBLEMA DA CATALUNHA—O PERIGO ESPANHOL, TRAMPOLIM DE INTERESSES—SERÁ POSSÍVEL A DEMOCRATIZAÇÃO DA MONARQUIA ESPANHOLA?

tôdas as opiniões, não exclue a ideia de que possa haver realmente um político com seriedade política. Mas eu não acredito.

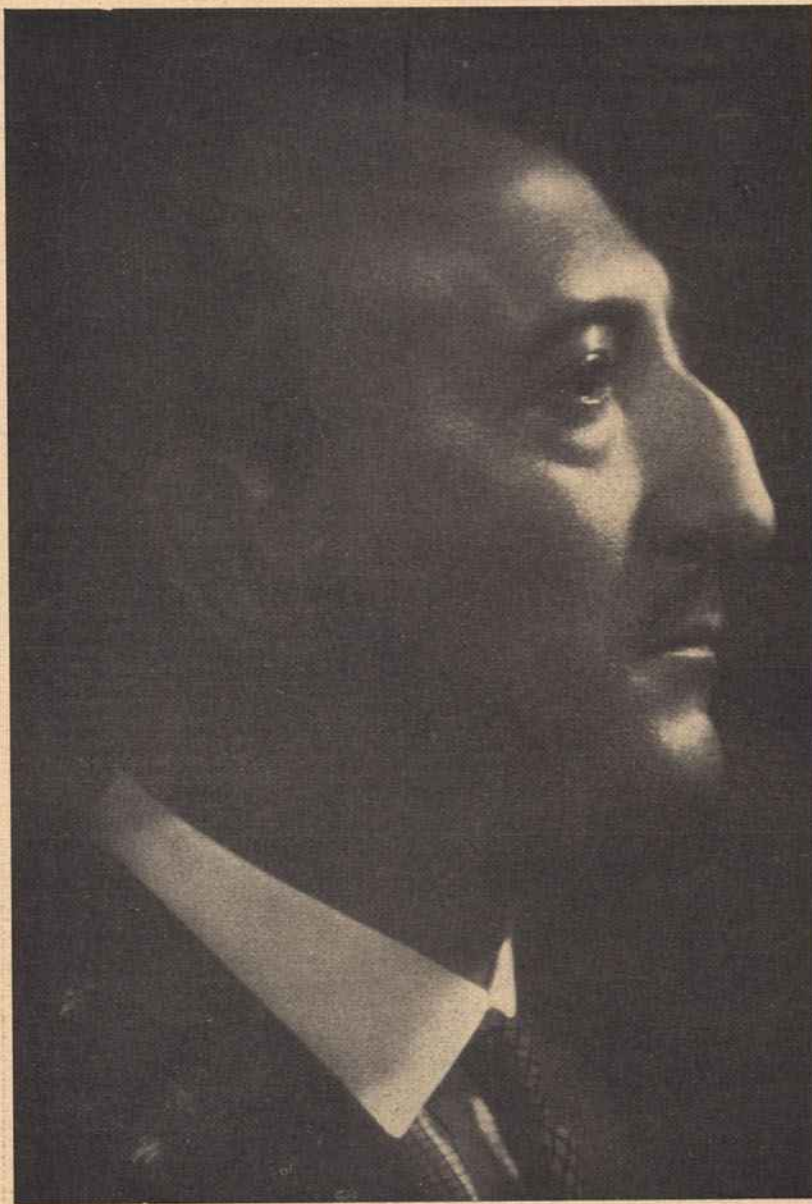
Qual a sinceridade das entrevistas políticas? Têm elas alguma eficácia para o apuramento da verdade? Que responda a consciência do próprio político, se há por aí algum político com consciência reconhecida, ou que responda a consciência do próprio jornalista, quando o jornalista se der ao luxo de carregar com tão pesado atributo. Ou apele-se ainda para uma outra consciência — a consciência do público — perante a qual, políticos e jornalistas, andam, em regra, a representar dois papeis complementares duma mesma comédia: a comédia dos seus altos destinos. Fingindo, uns, que sabem tudo o que dizem e dizem tudo o que sabem, simulando, os outros, que entre tudo o que sabem e dizem — e não dizem mais porque não sabem — se oculta

É esta a primeira entrevista que eu faço em Espanha sobre o actual momento político. E não estou arrependido, louvado seja Deus! Tenho-me esquivado deliberadamente a diálogos desta

natureza, a dar-lhes pelo menos pública fé, porque não creio na seriedade dos políticos, na seriedade política dos políticos, entenda-se bem. É claro que esta minha opinião, falível como



Wenceslao Fernandez Florez, na sua casa de Madrid, conversando com Novais Teixeira, nosso redactor na capital do vizinho reino



A última fotografia do grande humorista galego

o enigma cuja decifração, eles, os grandes ladinos, vão arrancando, por via do olho sagaz, à cautela ou à ignorância do político que em má hora se põe ao alcance das suas setas fulminantes. E mentindo, uns e outros, mais ou menos conscientemente, na medida dos seus interesses particulares e políticos, quando não literários, como nalguns casos específicos, em que o jornalista, famosa besta de circo, nutrida e folheira, impando sob os arreios das suas ócas sonoridades, porejando matérias sedícias, campeia empavonado num alarde de ostentação mirífica, servandando-se aos afagos sentimentais dum público desprevenido que lhe acaricia a garupa espumejante e encasqueta uma nova cabeçada, que é todo o seu orgulho.

Colegas, mais avezados neste género de entrevistas sensacionais, têm procurado visar o alvo político espanhol, interrogando o político. Outros, mais interessados em colher-lhes o fruto, têm tentado visar o seu próprio alvo, servindo-se do político condescendente. Outros, ainda, têm-se limitado a servir o político, sem que o

político se dignasse servi-los a eles no apuramento da ambicionada verdade. Qualquer destes processos peca, quanto a mim, de desonesto ou ineficaz.

A ciência política do político peninsular é matéria acessível a todo o cérebro atento, que sobre ela pode opinar com o mesmo conhecimento de causa e com mais garantias de imparcialidade. Daí que preferisse eu, sempre que o dever me encaminhava para essa senda dolorosa, opinar por minha conta e risco, acorrentado à firme convicção de que melhor seria assim a legítima curiosidade dos meus leitores.

Mas o homem põe... e a *Ilustração* dispõe. A voz amiga do seu Director exigia-me uma entrevista de carácter político. Queria um depoimento autorizado sobre a emaranhada situação política deste país. E veio-me surpreender com este telegrama categorico:

«Mande urgente próximo número entrevista política homem representativo.»

Que fazer? Eu já lhes disse que não tenho fé nas entrevistas políticas. Surpreender a boa fé

da *Ilustração*, mandando-lhe como boas umas declarações que reputaria más? O conflito era grave. Lancei-me numa grande meditação. E meditando, meditando vim cair nesta táboa salvadora: o telegrama não impunha, como condição expressa, que o entrevistado fosse um político profissional. A ideia do ludibrio ganhou proporções infranqueáveis. E fui à cate dum homem representativo, sincero, que oferecesse garantias de seriedade, à margem das lutas partidárias do momento. Um escritor? Mas, onde se apanha hoje um escritor espanhol que não seja um político militante?... Uma excepção? Onde encontrar uma excepção? Eureka! Fernandez Florez! Eis o homem! A sua autoridade de crítico social, que tem assestado contra a política os seus dardos mais mordazes, daria categoria ao depoimento. De resto, pôr um humorista em contacto com uma tragédia é buscar o efeito de contrastes estridentes e às vezes luminosos.

Foi assim que eu ludibriei a *Ilustração* e dei começo a esta entrevista política.

— Que autoridade concede ao literato para falar de política?

— Nenhuma.

— Nenhuma?

— Pelo que se refere ao literato espanhol, absolutamente nenhuma.

A resposta não podia ser mais a propósito para da a entrevista por terminada. Literato, e do melhor quilate, era o meu interlocutor.

— Mas Unamuno — arrisquei — diz precisamente o contrário. Aludindo ao famoso discurso de Sanchez Guerra, no Zarzuela, de Madrid, que foi todo ele matizado de flores poéticas do mais puro sabor clássico, disse, D. Miguel, que o político quando se mete a fazer política faz sempre literatura. Ao passo que o literato, mesmo quando faz literatura, não deixa nunca de fazer política...

— Segundo o que se entenda por política... Porque nem mesmo ele, como político, soube fazer política, e digo-o com todos os respeito devidos à sua grande figura de intelectual e de pensador, para a qual vai toda a minha admiração entusiástica e toda a minha adesão incondicional de correligionário. Como político, D. Miguel, não se manteve à altura do seu prestígio.

— Deixemos Unamuno com todas as nossas homenagens, e vamos ao intelectual espanhol, em geral. Não sente que respira política por todos os poros?

— Efectivamente... Como quem apanhou uma carga de água. Encharcou-se até aos ossos de toda a política ambiente. E seria de desejar o contrário; que impusesse ao ambiente uma política sua. De há muito que o intelectual espanhol tem a preocupação do liberalismo. Fala na hora das esquerdas, nas prerrogativas constitucionais, nos sagrados direitos dos cidadãos, na liberdade dos povos civilizados, etc., etc., etc. Mas são tudo conceitos formais, retóricos, sem conteúdo práctico. Tópicos, nada mais que tópicos!

— Falta de cultura política?...

— Não! Não lhes falta cultura para orientarem a sua acção num sentido mais amplo e de mais altas vistas. Estão ao par de toda a cultura política moderna, sabem bem como a Europa respira e não desconhecem tão pouco os problemas que mais directamente affectam ao seu país. São entre todos os intelectuais do mundo, os que mais têm arraigado em si um preconceito político. Mas não sei que de oculto e imperativo há neles — provavelmente males atávicos — que os acorrenta à insubstantialidade política da classe média espanhola, a uma política personalista, sem o menor valor conceitual, política da qual, de resto, desdenham soberanamente, mas para a qual são arrastados por irresistíveis desígnios. Isto reflecte-se bem na critica literária, onde aparece sempre dum forma involuntária e subterrânea, quando não voluntária e expressa, uma questão de partidarismo político, que julga pelas aparências como a boa massa burguesa do meu país.

— Aqui, como em toda a parte...

— Pode ser. Mas aqui dum forma mais accentuada. E a prova tem-na em mim. Pelo simple facto de escrever no A. B. C., apesar da ideologia marcadamente esquerdista dos meus artigos,

dando a este termo esquerdista uma ampla aceção, não só política, mas também social, estive eu durante muito tempo considerado como um escritor de tipo conservador, para quem se olhava com certas reservas. E já tinha escrito *El Secreto del Barba Azul*, que é, sem falsa modéstia, o documento de sátira mais mordaz que nestes últimos tempos se tem feito contra os meios burgueses e as figuras decorativas que dispõem dos nossos destinos. A contrapartida tem-na no caso Clandel, escritor profundamente clerical, que foi, quando da sua visita a Madrid, homenageado pela melhor intelectualidade espanhola, por toda aquela que afirma hoje como então a sua intransigência revolucionária.

— Era um escritor estrangeiro...

— Sim, uma submissão lamentável a tudo que nos vem de fora, porque se Clandel escrevesse no *Debate*, de Madrid, toda a gente lhe voltaria as costas, pese ao seu talento. Galdós. Afirma outro caso. Não é bem significativo o caso de Galdós, que deveu grande parte da sua fama, não ao valor intrínseco da sua obra, mas simplesmente a ser um escritor republicano? O intelectual espanhol ainda está sugestionado por todas aquelas coisas vagas dos nossos pais, pela Marcha de Cadiz, pelo Hino do Riego, pela secularização dos cemitérios, pelo fetichismo da República, ainda que numa república burguesa não possam caber todas as coisas más que existem numa monarquia! É lamentável mas é assim mesmo.

— Atrazo político, decerto. Praticamente, os ventos da Revolução Francesa não passaram por aqui...

— Mais uma razão para que o intelectual impusesse ao país uma ideia positiva. O júri, por exemplo. Já viu coisa mais ignóbil como a forma como funcionavam os júris nos tribunais espanhóis? Organismos evadidos do pior caciquismo, os réus, especialmente na província, eram absolvidos ou condenados conforme a influência que exercesse no Tribunal o cacique da região. Ora, o intelectual espanhol, que não se tinha insurgido antes contra a ignomínia que isto significava, insurgiu-se depois contra a supressão ditatorial do júri, pela simples banalidade do nome, por um conceito meramente formal e retórico. Cascas de ovos, meu amigo, cascas de ovos! Hoje, a política é matemática e económica, e não os arranques líricos do honrado Alcalá Zamora, nem os gorgeios obsoletos de Melquiades Alvarez, que são para os intelectuais como hipnóticos cantos de sereia...

— Passemos dos intelectuais ao resto do país. Todo é pecca da mesma falta de sentido político?

— O mal infelizmente estende-se a todos os campos, manifestando-se em cada qual com as características que lhe são peculiares. Mas o mal é sempre o mesmo. Não se vislumbra uma ideia por parte alguma, um gesto heroico, uma solução redentora. Corriqueirice, tudo! Repare como se fazem aqui os prestígios políticos. Sanchez Guerra, por exemplo, deve todo o seu prestígio a uma circunstância verdadeiramente vulgar: ser um homem honrado. Não houve, na sua longa vida de político e de governante, uma só obra que bem merecesse da Pátria. O povo espanhol reparou que Sanchez Guerra habitava numa casa humilde, num terceiro andar, sem elevador, usava ainda os antigos colarinhos de ministro, duma só peça e vestia realmente duma forma lamentável. Houve até quem afirmasse que aqueles colarinhos eram feitos por sua esposa na tranquilidade do lar, o que resultava realmente inconcebível num antigo presidente do Conselho. É realmente, pela sua honradez sem mancha, o mais estimável dos nossos políticos. Mas, homem a quem se possa seguir? Não. Que fez Sanchez Guerra? Que promete Sanchez Guerra? Que quer Sanchez Guerra? Não se sabe. Até agora só se sabe o que não quer.

— Falou em Melquiades Alvarez...

— Gorgeios de canário flauta. É o homem que fez da secularização dos cemitérios toda a sua plataforma política. Que tenha um partido de defuntos, compreende-se. Mas que tenha um partido de vivos... É Garcia Prieto? Sabe a razão que levou Garcia Prieto à presidência dum ministério? Isto, apenas: ser genro de Montero de los Rios, o célebre político galego já falecido. Como sabe, Garcia Prieto era o Presidente do Conselho quando do advento da Ditadura. Pois bem. Aos boatos que então corriam sobre o golpe de Estado, chegou a opôr nas Câmaras esta frase



Wenceslao Fernandez Florez desenhado por Benedito

lapidar: *Hão de passar por cima do meu cadáver!* Frase que, à força de lapidar, chegou a sugerir a ideia duma subscricão entre os senadores, para ser gravada em lápide de mármore por mãos de Mariano Benlliure. Aconteceu, porém, que eles vieram e passaram, não sobre o cadáver do ilustre político, o que seria cruel, mas sobre a sua gentil e real resignação.

— Romanones?

— É um velhote travesso e amável, intriguista de officio no club da localidade...

— Antigos políticos do flanco esquerdo?

— Também os há, também os há. Saborit, sem ir mais longe. É um exemplo típico dos absurdos deste país. Sabe porque Saborit chegou a ser deputado por Madrid? Por ter boa letra. Nem por manifestar talento, nem por alegar competência, nem por nada mais que isto: por ter uma formosa caligrafia. Quando da organização do Partido Socialista, procurou-se alguém que redigisse as actas em letra clara. Ninguém pôde competir em letra bonita com Saborit. De copista de actas passou a secretário do partido,

daí a vereador da Câmara Municipal de Madrid e a deputado, depois. Aqui tem toda a sua história política: boa letra e audácia. O próprio Besteiro, que tem o critério dum excelente empregado de escritório, deve a sua nomeada à persistência com que falava no Parlamento acerca de tudo e apesar de tudo. Se não fosse esta mania de falar, o nome de Besteiro não passaria da roda dos seus amigos mais íntimos.

— O momento actual: novos homens, novas ideias.

— Nem homens nem ideias lobrigo por parte alguma. Quanto às oposições, que agora fervilham em indignação, caracterizam-se por um alarde de criticaria confusionista, que não pode trazer-nos a luz. Reputo justos todos estes desabafos, mas desejaria que a par da sua acção demolidora nos oferecessem qualquer coisa de construtivo. Fazem-me lembrar os antigos ministros da Fazenda, quando vinham à Câmara fazer os seus discursos de apresentação, que eram invariavelmente uma crítica cerrada à obra dos seus antecessores. Orçamentos falsi-

ficados, esbanjamento na administração, política de compadrio, o diabo! Vinham eles, orçamentavam, administravam, esbanjavam, caíam, e era ver então o substituto denunciando ao país as mesmas imoralidades engatilhadas no mesmo discurso sensacional.

— Qual a solução, pois?

— Isso é com os políticos.

— Bem; onde residem os males?

— Há muitos e de vária espécie. Creio porém que quem conseguisse reduzir a plutocracia às suas verdadeiras funções faria uma obra de equilíbrio e de progresso que traria à Espanha dias melhores. Terminar com o particularismo das pautas alfandegárias proteccionistas, ir contra os monopólios, estabelecer a livre concorrência do comércio. Os monopólios, em certos casos, até fomentam o delito. A lei proíbe os isqueiros. E porque incorremos nós no delito de infringir a lei, comprando isqueiros? Pela má qualidade dos fósforos que nos vende a companhia arrendatária. Isto é axiomático. Vivemos num país de paradoxos. As crises agrícolas, entre nós, dão-se apenas nos anos das boas colheitas. A abundância implica sempre uma redução no preço dos géneros. Pois o produtor, para não vender barato, armazena. Daí, os conflitos. Ir contra esta política revolucionária económica é, pelo menos, de tão benéficos resultados como restabelecer a Constituição.

— Separatismo catalão...

— Não existe. A Catalunha não se pode separar da Espanha, que vive sacrificada aos seus interesses e ao consumo da sua produção. As nossas pautas aduaneiras estão escritas em catalão... Nós vestimo-nos com géneros ingleses... no preço. Seria o mesmo dizendo que se a metrópole de qualquer país colonial pretendesse libertar-se das suas colónias. A ideia da Independência da Catalunha só reside nalguns cérebros românticos, destituídos de espírito prático, sábiamente manejados pelo plutocrata que sabe que isso é o espantinho que lhe tem servido para arrancar tudo o que quer aos governos espanhóis. É evidente que, ao lado disto, há uma política descentralizadora a empreender, que respeite as diferenças geográficas das diversas regiões de Espanha. Para a Galiza, por exemplo, região eminentemente agrícola e piscatória, que vive do campo e do mar, não podem servir as mesmas leis que servem para as Vascongadas, que é uma zona metalúrgica. Agravar o preço da folha de Flandres pode beneficiar a Bilbáio, mas prejudica a indústria da conserva galega, colocando-a em difíceis condições de exportação. O milho, por exemplo. A Galiza não produz o milho suficiente para alimentar a sua gente e o seu gado. Proibir a importação, deixando sem competência o produtor castelhano, é beneficiar esta região em prejuízo daquela. E muitos outros problemas de idêntica índole que encontrariam uma solução satisfatória para todos se se rectificasse a política



Eduardo de Malta

MADRID - 1937

Um retrato do eminente humorista desenhado por Eduardo Malta



Wenceslao Fernández Florez na sua casa de Madrid

centralizadora dos governos de Madrid, colocando os interesses das diversas regiões espanholas no mesmo pé de igualdade. É claro que para se chegar a isto não basta que se autorize o uso de bandeiras ou o livre exercício de idiomas regionais... Desnecessário será dizer-lhe que Portugal não é para aqui chamado.

— Já sei.

— Mas não está demais que diga lá no seu país que a Espanha não quer, nem deve, nem pode planear nada com Portugal sem contar com a vossa soberana vontade. Ninguém aqui pensa nisso.

— Nem lá.

— Tudo, na Europa, pode suceder. Que venha até a ser um facto o plano pan-europeu de Briand. Tudo, menos que os dois países peninsulares cheguem a realizar uma confederação. Que os portugueses não se deixem ludibriar pelos exploradores da sua honra... Arremeter contra um perigo que não existe é vitória fácil. E tentar uma popularidade, servindo-se do sentimentalismo colectivo como um trampolim de interesses, é, pelo menos, uma má acção.

— Regressemos à Espanha. A situação actual?

— Não tem nada de desesperada. A baixa da peseta é uma especulação miserável.

— Crê possível a democratização da monarquia?

— Da monarquia espanhola, não.

O CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DE BEMFICA E A CAPELA DOS CASTROS

S. Domingos de Bemfica evoca desde logo Fr. Luís de Sousa...

«...A uma pequena légua da cidade, pela estrada que corre para Sintra, pouco desviado dela, para a parte do Poente, fica, como escondido e furtado à comunicação da gente, um pequeno vale, que sendo naturalmente aprazível, por frescura de fontes e arvoredos, mereceu ao que se pode crer, o nome que tem de Bemfica».

E mais incisiva mas não menos realista-mente :

«Fazem o vale dois outeiros desiguais em corpo... Na ladeira do monte maior está situado o convento e dela se estende com sua cerca até ir beber ao rio. Duma e outra parte correm quintas, que cercam os outeiros e vale em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; tôdas ricas de bosques e pomares, e cercadas de suas vinhas com que a mór parte do ano mantém o vale uma frescura e verdura perpétua».

E os períodos descritivos d'êste preclaro escritor seiscentista, um dos nossos mais curiosos clássicos, surgem à memória rápidos, impressivos, numa linguagem castiça mas maleável, sintéticos e redundantes conforme, por vezes um tanto realistas, outras perenemente subjectivos.

Com effeito, o velho paço de rei e depois «convento real» como pomposamente se designava o noviciado dominicano em Portugal, perdura na tradição mais pelas páginas do brilhante cronista da Ordem de S. Domingos do que ainda mesmo por lá terem professado muitos fidalgos, inclusivamente o próprio Fr. Luís de Sousa que vestira o hábito anojado por amores do século, nas suas catedras haver ensinado Fr. Bartolomeu dos Mártires, o egrégio arcebispo, teólogo cientista, um tanto filósofo, de desprendida alma franciscana,

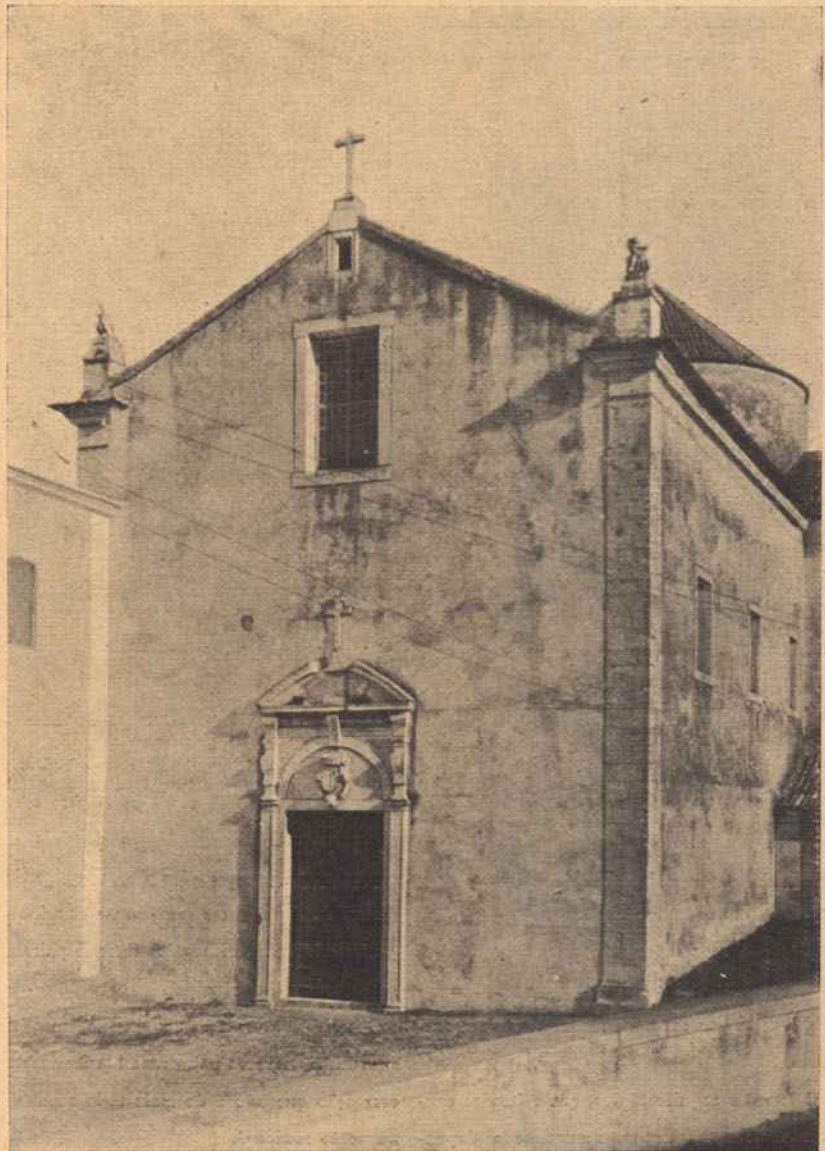
esmolet, companheiro dos pobres, quasi santo, e as suas celas terem albergado Fr. Arnão, que morreu em cheiro de santidade, e outras figuras de renome no seu tempo ou a destacar-se mais tarde, mercê das referências da sua vida e aptidões.

Neste caso se encontram os irmãos Távoras, fidalgos, filhos dum grande válido de D. João III, que professaram cêdo, meninos e

moços, e hoje vivem na tradição mais pelas suas tendências artísticas do que por atingir as culminâncias da hierarquia eclesiástica.

Artistas de pouca evidência, pintores de somenos importância, pequeno vulto?

Talvez. Mas a sua biografia artística é ainda bem pouco conhecida, e na nossa História de Arte não abundam muito os pintores antigos.



Igreja de S. Domingos de Bemfica — O modesto aspecto do seu exterior



S. Domingos de Bemfica — O claustro seiscentista

A pesar de haver sido paço real, que a liberalidade dum rei cedeu, S. Domingos de Bemfica foi sempre um edificio sóbrio, modesto, modestíssimo.

Ao contrário da sua congénere espanhola Santa Cruz la Real, de Segóvia, que também gozou dos favores reais, S. Domingos de Bemfica nunca possuiu monumentais claustros nem um templo grandioso, mau grado a protecção de reis e príncipes e pertencer à ordem dos inquisidores. Jamais S. Domingos de Bemfica conseguiu erguer-se como monumento a atestar um voto e a perdurar como obra de arte.

Os seus muros nunca se rasgaram em estiradas ogivas, nem se recortaram em românicos arcos, nem tão pouco as colunas, as arquitraves, os ornatos, as linhas clássicas da Renascença encheram de pompa o velho e restaurado edificio.

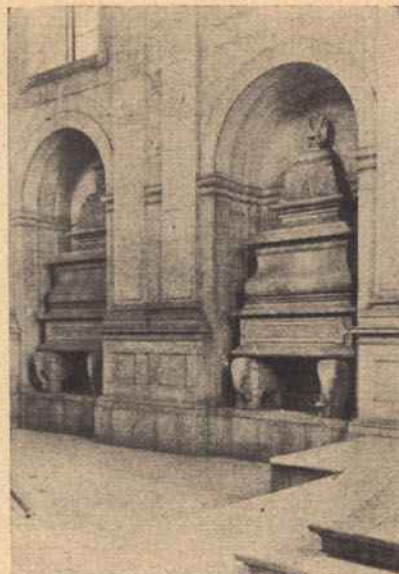
S. Domingos de Bemfica foi sempre um edificio sóbrio, modesto, modestíssimo... a pesar mesmo das obras da reconstrução seiscentista...

E o valor architectónico, que o famoso convento ainda apresenta, resume-se a dependências anexas, à singeleza clássica do inte-

rior da sua igreja, e a alguns detalhes que restam após obras de remedios consecutivas feitas pelos padres, e as de adaptação para as instalações dos Pupilos do Exército.

A sua melhor dependência, a Capela dos Castros, ainda bem conservada, é um pequeno templo-panteão marcando o gosto clássico e presentindo-se o espirito dessa modalidade architectónica da 2.ª Renascença que ficou conhecida por estilo jesuítico.

É uma capela dórica, em mármore — azul, vermelho, branco — de planta rectangular,



Dois dos túmulos monumentais da Capela dos Castros

abobadada em caixotões, com cripta sem mór importância e pequeno ante-côro, e pouca mas apreciável talha — a do altar — alguns painéis deteriorados, designadamente uma *Ceia*, e algumas imagens em singular, quatro sarcófagos monumentos, ao dorso de dois elefantes cada um, em vãos de arcos laterais, mais dois túmulos em campa rasa com inscrições, o escudo de armas dos Castros pairando sobre a entrada principal.

É um pequeno templo singelo, mas nas suas linhas severas paira uma harmonia, uma correcção que não é de mais tê-lo como monumento nacional.

De resto tem importância histórica: repou-

sam lá os restos de D. João de Castro, o famoso vice-rei da India.

Contiguo à capela fica o claustro, construção seiscentista, do tipo dos da Misericórdia de Coimbra e dos Felipes em Tomar, na relativa proporção da modesta architectura do noviciado dominicano.

É um único pavimento. Nos intervalos dos arcos existem aberturas de verga simples, sem ante-colunas como em Coimbra e Tomar.

Junto existe ainda uma sala redonda, abobadada, com lanternim, capítular no tempo dos frades.

Perto destas dependências havia uma curiosa e célebre *Fonte do Satiro*, grande peça, e cuja estátua romana não há muito a encontramos no canto duma casa térrea e escura sem consideração pela sua valia archeológica.

Outra fonte célebre existe em Bemfica: é uma pequena gruta, hoje sob as modernas construções dos Pupilos do Exército, com bons e valiosos azulejos, e tradição histórica. Era lá que o velho Cardeal D. Henrique ia passar as tardes fugindo às intrigas da corte e aos ardis dos mensageiros de Felipe II e aliviando e entretendo o seu espirito embotado pelas locubrações que o iam assaltando à creca da sucessão ao trono do reino.

CRUZ CERQUEIRA.



S. Domingos de Bemfica — A Fonte do Cardeal

Caçar tigres na Índia Central dá-nos uma experiência da vida que nada pode igualar.

Ainda não há muito tempo que presenciei um desses espectáculos. Havíamos resolvido caçar o tigre numa floresta pertencente ao governo da Índia mas, duas semanas depois fomos para um dos estados independentes cujo príncipe é considerado como o maior de todos os caçadores da fera em questão.

A selva, nesta parte da Índia, mais se assemelha a um parque do que a outra coisa: há lá esplêndidas árvores, taboleiros de excelentes relvas, frescas e claras torrentes aqui e acolá franjadas por bambús. Espreitando por entre o arvoredo e a verdura surgia de vez em quando o deslumbramento da chamada *árvore do fogo*, com as grandes corolas das suas flôres ensanguentadas.

Após um dia de viagem a nossa caravana chegou a uma casa de repouso no meio da selva e aonde fôra estabelecida a base de operações. Os chefes e os *shikaris* ou caçadores estavam lá à nossa espera. Deram notícia do rasto de vários tigres e afirmaram serem excelentes as probabilidades de obtermos um desses animais.

Para atrair o tigre haviam já arranjado búfalos (o gado doméstico é sagrado e por isso não se emprega para fins de caça) e os aludidos búfalos estavam fortemente ligados em pontos aonde era costume os tigres virem caçar.



Dias e dias foram passando sem que os tigres dessem sinal de si. Mas, certa tarde, quando eu voltava para o acampamento, dei fé, espantado, de um grande tigre que obstinadamente espiava os indígenas, àquela hora preparando a refeição nocturna. A noite ia caíndo e os objectos já se estavam tornando pouco distintos.

A fera estava tão entretida a observar o acampamento que a princípio não me viu. Do lugar aonde eu me encontrava era-me impossível fazer fogo sem perigo de matar alguém no acampamento.

Desconfiei que o tigre fôsse daqueles a que é de uso chamar *devoradores de homens*. Poucas semanas antes andara por ali um desses e em dois meses matara noventa pessoas, na maior parte mulheres idosas e crianças que à selva tinham ido à procura de lenha. Todas as diligências haviam sido já feitas para o abater mas, infelizmente, sem resultado. Não tocava nos búfalos, nos poldros, cães, bodes ou carneiros, ou outros animais que lá punham para o engodar. Só desejava seres humanos, porque estes são muito mais fáceis de capturar e matar e, além disso, relativamente tenros...

O certo é que nenhum dos engodos postos na selva foi mordido. Diziam os indígenas que o caso se devia ao facto de na selva existir caça mais apetitosa. As nossas pesquisas mostravam-nos rastos do tigre em alguns dos pontos aonde haviam sido presos os búfalos: tudo levava a crer que o tigre os havia estado a espreitar e inspecionar. Mas nenhum fôra mordido.

Finalmente, um dia, os *shikaris* voltaram da selva e afirmaram estar morto um dos chamarizes. Era perto dali, mas as condições em que foi encontrada a carcaça, mostravam bem andar ali obra de leopardo e não de tigre.

UMA CAÇADA AOS TIGRES



Quando nós estávamos procedendo à inspecção das nossas espingardas e equipamento e tomando banho, foi-nos atraída a atenção por um certo rumor. Fomos ver do que se tratava e vi então um rapazote dos seus quinze anos que, todo esbaforado e excitado, contava aos circunstantes qualquer coisa.

Precipitei-me para fora da minha barraca mesmo em roupão, e exultei ao saber que alguns tigres haviam morto um dos chamarizes posto num dos ramos do rio Mirbadde, a cerca de dezoito milhas. O rapaz não sabia ao certo quantos eram os tigres mas, quando um dos indígenas ia para inspecionar o aludido chamariz, vira um tigre formidável arrastando o búfalo para a margem do rio. Ouvia também um outro tigre bramindo na selva. Ao ver o rapaz, o tigre largara a presa e voltara-se ameaçador para ele, desatando o rapaz a fugir.

O total dos prejuizos causados cada ano pelos tigres nos rebanhos e manadas é incalculável. Desde, porém, que o tigre comece a envelhecer ou esteja tão estropiado que já não possa atirar-se à caça grossa, começa então a ser um devorador de homens e, em pouco tempo, dizima distritos inteiros. Durante o ano anterior no distrito aonde eu me encontrava mais de 1.200 pessoas tinham morrido em consequência de feridas causadas por feras ou reptis. Muitas mais, porém, haviam desaparecido, mortas e devoradas pelas feras.

Depois de três horas de correria à cavalo chegamos à margem do rio, a cerca duma milha do lugar aonde se dizia terem estado os tigres. Alguns dos caçadores reuniram-se em esperas, isto é, treparam para árvores, a fim de, fazendo

barulho no momento azado, poderem chamar em nossa direcção os tigres antes que eles conseguissem fugir.

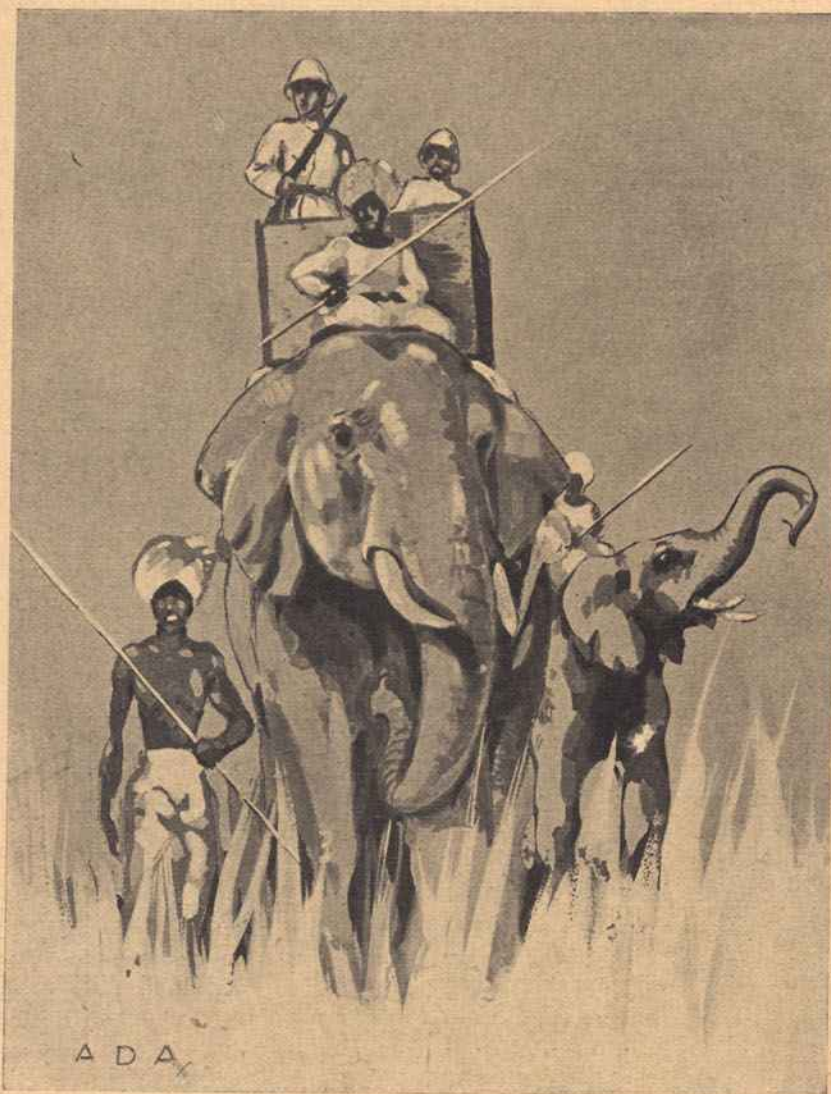
Os tigres estavam reunidos numa curva do rio, curva essa em forma de U e cujas extremidades estavam quasi juntas; coloquei os caçadores no braço do rio, — eram cerca de setenta homens. Dirigimo-nos depois para o fecho da curva e eu postei-me do lado oposto aonde estavam as feras, exactamente aonde um pequeno curso de água se ia juntar ao rio.

Cercando o caminho de ambos os lados estavam as *esperas*. Por detrás de nós haviam-se postado sobre árvores dois outros homens a fim de observar os tigres que, depois de ter sido feridos, se quisessem escapar.

Para atirar sobre um tigre a melhor posição é estar cá em baixo, no solo, porque assim se obtém maior campo de mira, embora a vista da rectaguarda seja d'este modo mais difficil. A altura não proporciona segurança eficaz contra o ataque. Não é a primeira vez que os tigres conseguem desalojar o homem colocado em *machans* a dezassete pés de altura. De ordinário, não gostam de trepar, mas se lhes dá na gana para isso fazem-no lestantemente e com a maior facilidade. Não obstante, a posição alta fornece maior possibilidade de passar despercebido o caçador porque o tigre, usualmente, olha para baixo, para o solo aonde pousa as patas e não para o alto.

Subi, pois, para a árvore e coloquei-me no *machan*, juntamente com o indígena que me levava a espingarda, um vivo e esperto Gond. A árvore era uma mangueira de grandes folhas. Em frente de nós via-se, num extensão de cem jar-





A D A

das, o leito seco do rio, formado por recifes de granito e por entre os quais se divisavam poças escuras de água.

Moitas de bambús e de arbustos cobriam as margens. Tomámos os nossos lugares: eu levava comigo a minha carabina Springfield, 180 balas e uma espingarda de dois canos, de excelente marca.

Durante os primeiros 20 minutos, estive experimentando em silêncio a pontaria em tôdas as direcções de onde supunha pudessem vir os tigres.

Budong despira totalmente o dorso e tirara até mesmo o turbante a fim de que a cor escura da sua pele melhor se casasse com a da árvore e ele pudesse mexer-se à vontade no caso de ter que actuar com presteza.

Súbito, um assobio deu sinal de que uma das feras se pusera em marcha. Logo das árvores partiu uma grande vozeria, ao mesmo tempo que os indígenas batiam nos troncos com paus de que iam munidos. Alguns faisões e outras aves da selva, guarda avançada das feras voaram atabalhoadamente da margem oposta em direcção ao ponto onde nos encontrávamos. Muitas delas quasi roçaram por nós, tão perto passaram.

Novamente partiu uma grande algazarra das árvores e Budong informou-me que os tigres estavam tentando abrir caminho por entre a linha de atiradores. Por enquanto, porém, ainda eu não conseguia vêr tigre nenhum.

Súbitamente, e sem que nós o esperássemos, um grande tigre saltou da margem oposta e, com um bramido que fez estremecer as árvores, cortou direito ao lugar aonde eu estava. Movia-se com a ligeireza dum cavalo de raça. Era cor de laranja-claro, e ostentava no dorso grandes e

escuras listrões. A cauda, anelada de negro de ponta a ponta, estava totalmente erguida no ar. Do ponto aonde eu me encontrava podia-lhe vêr o focinho e a estranha expressão d'êste. Nesse momento a fera procurava atingir a linha de água que se estendia por detrás de mim e a qual lhe fornecia maior possibilidade de se escapar. Peguei na espingarda para lhe barrar o caminho logo que fôsse propício o momento. Agora a folhagem do caminho não me deixava lobrigar a fera. Levantei-me. A árvore inclinou. Era muito tarde. O tigre vinha direito a nós, segundo parece, disposto a tudo. Trepara para um rochedo em frente de mim, a cerca de quarenta jardas. Apontei bem, para o meio do peito da fera e fiz fogo. O tigre desceu mas, aparentemente, sem abrandar o passo. Com um terrível bramido olhou em tôdas as direcções, procurando descobrir-me. Fiz novamente fogo e a fera caiu, para logo se erguer, procurando franquear a distância que a separava da margem. Tornei a fazer fogo... Nesse momento o tigre estava ao nível de nós e já me conseguira descobrir. Voltando-se com a rapidez do relâmpago, bramiu furiosamente e partiu na minha direcção, exactamente na ocasião em que eu fazia fogo pela quarta vez. Atingido em cheio, recuou: mudou-se-lhe a expressão do focinho e, deixando escapar uns sons guturais, rolou por terra.

Os indígenas deitaram-no sobre uma camilha de folhagem, cobriram-no com mais folhagem e flores, e levaram-no para um dos carros. Ao tigre morto tributam os indígenas o maior respeito: não falta mesmo na Índia quem lhe atribua um poder miraculoso e extraordinário.

Dois dias depois fomos para Kharsia, nas Províncias Centrais, aonde encontrámos o chefe

da polícia e o estado maior do Maharadjá de Surguja.

Na Índia, logo que as colheitas — em especial a do arroz — estão feitas, os indígenas dedicam-se à caça dos tigres. Se assim não fôsse, as feras cresceriam de tal forma em quantidade que os estragos nos rebanhos e manadas seriam monstruosos, sem contar, também, com as pessoas que devorariam. Recorre-se até, para exterminar as feras, a um alistamento, como se se tratasse duma guerra. Cada população tem de fornecer um homem por cada oito que possuam. Os alistados organizam-se depois em companhias, com os seus chefes, cozinhas de campanha, etc. Naquelle momento estavam 3.000 homens em campo, os quais haviam sido distribuídos em três grupos com um raio de acção de cinquenta milhas.

Seis dias depois da nossa chegada, um tigre matou um dos búfalos utilizados como charrões. Dirigimo-nos para o extremo da estrada, já então montados em elefantes, os quais substituíam as árvores onde é de uso collocarem-se os caçadores. O Maharadjá, grande caçador de tigres e um esplêndido desportista, dirigia em pessoa a caçada. Iam connôco, como batedores cerca de quatrocentos homens guiados pelo chefe supremo e por outros chefes, todos montados em elefantes: com a comitiva seguiam também músicos, tocando em plantas que lembram exactamente as gaitas de fole da Escócia. Bem depressa ouvimos bramidos de tigre: a batida prometia. Os shikaris davam tiros de quando em quando para acostrar a fera. Passou-se, porém, uma hora sem que os tigres dessem sinais de si. A batida cada vez se apertava mais. Por fim, os elefantes fecharam o caminho todo, num círculo intransponível: perto d'êles estavam os caçadores a pé. Tudo fôra organizado com precisão e não havia saída possível. Peguei na espingarda e preparei-me para atirar. Os batedores estavam a vinte e cinco jardas de nós. Olhei à direita para a selva e vi um grupo de indígenas trepar para as árvores e dar gritos que indicavam a presença dum tigre. O Maharadjá tocou-me no braço: neste momento ouviu-se um grande bramido: era o tigre. Vinha numa enorme carreira com a velocidade dum expresso, em direcção a nós. Quando o vi a cerca de vinte jardas fiz fogo, mas a bala foi bater num tronco de árvore e o tigre logrou escapar-se são e salvo. Não obstante êsse contratempo, o espectáculo divertiu-nos imenso a todos.

Durante alguns dias eu e o Maharadjá caçámos sózinhos. Matei dois tigres e, depois, fomos ambos para uma outra batida, a cinquenta milhas para o norte.

Na guerra e na paz nunca eu vi espectáculo mais interessante. E ao ouvir certas pessoas falarem d'êste ou daquele desporto que consideram como o maior e o mais belo, o meu espirito transporta-se em sonho para a Índia central e recorda-se do rei daquelas selvas em tôda a magnificência do seu tremendo vigor físico!

GENERAL WILLIAM MITCHELL.

(Desenhos de Duarte de Almeida.)

(Anglo-American N. S. Copyright — Exclusivo para a Illustração.)



A

CINEMA

O QUE FAZEM AS ARTISTAS

PARA CHORAR

FAY WEBB— Antes de começar a scena emocionante, Fay Webb senta-se numa cadeira do cenário e fica muito calada, escutando com grande atenção os discos tocados na victrola. Não prefere nenhuma música especial de estilo sentimental; pede simplesmente qualquer música que não seja alegre. As melodias suaves, sentimentais, emocionam-na rapidamente, e as lágrimas correm nos seus olhos com facilidade. Miss Webb diz que não pensa em coisa alguma enquanto escuta a música. Pensa em diversas coisas e em diversos momentos. Trata de identificar a sua própria personalidade e o espirito do

A DIREITA— Fay Webb, a perturbante «wamp» americana, deliciosamente vestida com um primoroso modelo em tafetá cor de rosa...

A ESQUERDA— Dorothy Sebastian, a deliciosa «flapper», perturbantemente despida com um original fato de banho em Jersey e popeline de ramagens.



EM BAIXO— Pauline Johnson, da «British», com um pijama de bordados orientais de suntuoso efeito.



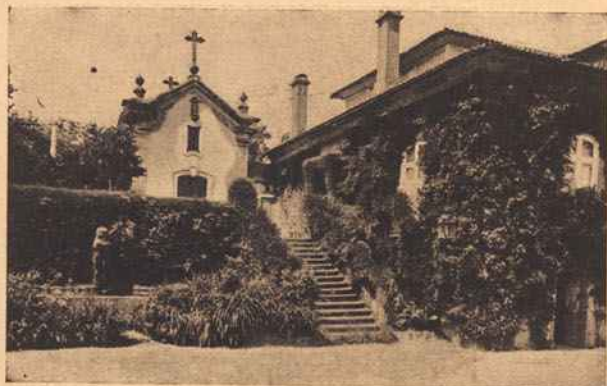
Uma esperança do cinema sonoro em castelhano— Conchita Granero

(Foto Walken)

personagem que ela interpreta. Quando termina a música, mantém-se no estado mental desejado, à força da sua concentração.

DOROTHY SEBASTIAN— Miss Sebastian escuta os discos tocados na victrola antes de começar a representar a scena. Gosta de ouvir baladas antigas, melodiosas, cantadas por alguma voz profunda e vibrante de barítono, e dêste modo corre-lhe as lágrimas, facilmente. Mas, em geral, fica isolada dos demais membros da troupe e fica então emocionadíssima, chegando-lhe as lágrimas aos olhos imediatamente. Uma vez começada a scena, coordena as suas emoções com as da heroína que vivifica, fazendo assim com que as lágrimas corram à vontade. As diferentes canções populares evocam aspectos mentais diferentes na imaginação de Dorothy. Declara ela que não sabe dizer com certeza quais são os pensamentos que lhe fazem brotar o pranto com mais facilidade. De resto, tratandose duma actriz que, em geral, é preferida no género alegre, poucas vezes tem que ter este trabalho.

PAULINE JOHNSON— Pauline, antes de ir trabalhar numa scena sentimental, passia de um lado para outro muito concentrada, num lugar isolado do cenário sonoro. Tem a facultade de se emocionar facilmente, coisa característica dos seus dezanove anos. É capaz de chorar muito se se lembrar de qualquer coisa triste que possa estar acontecendo à familia, ou ainda de algum episódio emocionante dos dramas a que tenha assistido no teatro. Para dizer a verdade, é-lhe mais difficil reter as lágrimas que deixá-las correr. Por isso a linda actriz inglesa tem, na «British Internationals», em Elstree, no Hollywood europeu, um lugar que ninguém poderá disputar-lhe com facilidade, um primeiro posto entre as ingénuas dramáticas e as grandes amadoras sentimentais que, ainda hoje, o público europeu tão bem acolge nas produções mudas ou sonoras, porque lhe bolem, com facilidade, naquele pedaço de pinguice subconsciente que há de acompanhar à cova o último europeu da velha Europa.—DR. ECRAN.



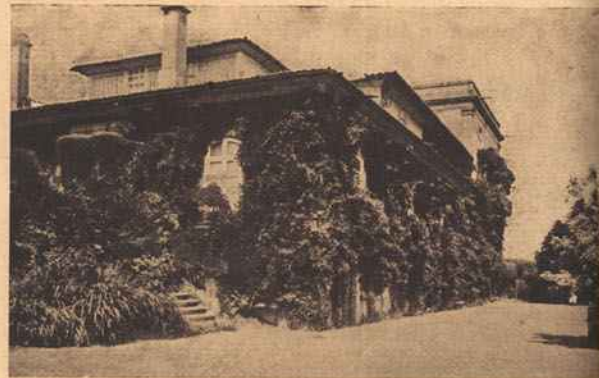
Casa e capela dos condes de Paço Vieira (lado sul)

VISTA GERAL DE GUIMARÃES

Seguimos para Guimarães num auto que devora alitivamente a fita branca da estrada, sob um sol que sabe a rosas e a romarias.

No nosso livro de apontamentos, no nosso guia de monumentos e grandezas de Portugal, está a indicação do solar do conde de Paço Vieira, a poucos metros de Guimarães. O carro corta, à esquerda, na estrada que leva à velha cidade—e, por fim, saltamos diante dum portão armoriado. Lá dentro, o velho solar adormecido numa tinta rosa desfalecida, todo coberto de trepadeiras, dá-nos a impressão de estar abandonado. Não nos enganámos. Só durante o verão é que aqui há vida, animação. Os actuais proprietários passam lá, longe, no Pôrto, o resto do ano. Durante a estação do sol, vem para cá, abrem as janelas, sorriem para a Natureza e para o céu que anda todo inundado de luz doirada.

De novo, na estrada que leva à velha Vimaranes. Surge-nos, primeiro, a Penha, sentinela de pedra, sentinela que parece tocar com a cabeça no firmamento. Agora, Guimarães diante dos nossos olhos. À direita, o velho castelho, negro como uma



Casa dos condes de Paço Vieira (lado norte)



Casa dos condes de Paço Vieira (Portal de entrada)

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA

PADRÕES DE TRABALHO

DE DO MINHO

castelo de Afonso Henriques. Dentro desta ameias sente-se um verdadeiro orgulho de ser português. E a par das datas históricas que andam ligadas a estas pedras revivem-se outras datas que partem da fundação da cidade. O insigne médico e historiador Luís de Pina, dá-nos conta num trabalho seu da seguinte: «Foi na quinta de Vimaranes, com seus ressaibos de vila romana, que

sombra distante. Um minuto depois deste golpe de olhos, estamos já dentro do velho

res as obrigava a juntar-se». Rememoram-se, numa saudade que é adoração, os tempos longínquos, afastados, dos comêços de Guimarães que podem também ser considerados

uma condessa viúva e muito cristã, Mamedona aia e tia de Ramiro II de Leão, fundou um mosteiro dedicado ao Salvador e à Virgem, que mais tarde passou a Colegiada (século XII); acontecia isto por meados do século X. Em volta do eremitério, cujos restos vêem ainda, aqui e ali, na igreja de Nossa Senhora de Oliveira, sobre elle edificada, emerge o infalível casario. Heróis invasores atacam o convento duplex, o que obriga a fundadora, a construir, no sobranceiro Monte Latão, um pequeno castelo de defesa. E nesse morro que hoje se vê o famoso Castelo de Guimarães, que os nossos primeiros reis ergueram sobre as ruínas daquele. Em roda do castelo, irrompe outro agregado humano. Deste modo nascidas, as duas vilas existiam separadas, picando-se de vez em quando com mútuas querelas, arruadas e irrequietas em seus pergaminhos, em seu valor, e em seus régios dons. O rei da Boa Memória obriga-as ao osculo da paz, emenda-lhes as regalias, congraça as partes, já então um cinto único de muralhas e torres



A antiga e nobre casa de Vila Pouca



GUIMARÃES — Igreja de Nossa Senhora da Oliveira

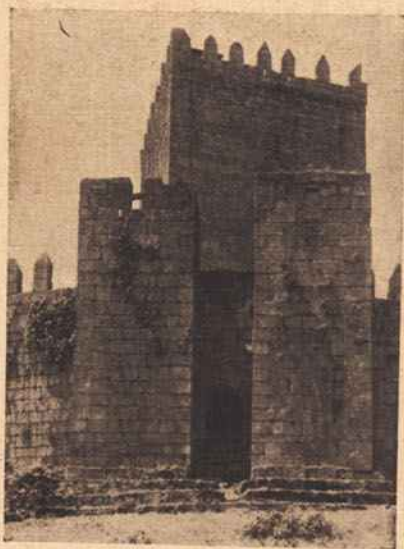
os comêços de Portugal. Dentro deste castelo, deixando errar os olhos na lonjura, sente-se dentro da alma aquela grande força heroica dos nossos conquistadores. Este castelo de Guimarães é bem a janela mais alta da nação. Tão alta, que daqui se avistá, no fumo transparente da história, a ceiebre batalha de S. Mamede e todas as batalhas que nos deram a conquista de ontras terras da nossa terra! E, quando saímos, medindo cá de fóra as pedras do castelo de Guimarães, essas pedras que tem desafiado os séculos e o poder inclemente da destruição, olhando essas pedras seculares sente-se um estranho orgulho, precisamente porque se admiram aquelas pedras para as quais, tantas vezes, Afonso Henriques olhou, com o elevado pensamento de engrandecer o Portugal que nascia.

Fóra do castelo de Guimarães há imensos valores architectónicos, poemas de pedra, páginas de pedra do interminável volume da nossa história. Eis aqui a antiqüíssima capela românica de S. Miguel, onde o primeiro rei de Portugal foi baptisado. Admiramo-la pelo lado de fóra, nas velhas e carcomidas paredes. O silêncio envolve-a numa redoma de expressão religiosa. Adiante, os nossos olhos caem sobre as ruínas da casa do duque de Bragança. Fitámos por longo tempo esta residência senhorial, nobre, que o tempo, grande carrasco, reduziu a uma montanha de escombros. Resistiu, contudo, a esse poder infalível de destruição uma maravilhosa janela gótica, de linhas elegantes, para o lado de lá da qual se adivinham datas e festas esplendorosas, que morreram há já muitos anos!...

Vamos percorrendo Guimarães, vamos atravessando estas ruas cheias de recordações do passado, cheias de edificios que nos falam de estilos diversos e de épocas já caídas no túmulo da distância e do esquecimento. E, punge-nos largamente a idéa de que, na nossa reportagem, no acanhado caixilho da nossa reportagem, não possamos ficar arquivadas, embora numa síntese esmagada, todos estes edificios que nos lembram séculos afastados. Mas isso seria impossível... A verdadeira documentação das belezas architectónicas e históricas de Guimarães, por mais que se pretenda, não pode ser dada, com suficiência, nesta reportagem que tem um

valor telegráfico. Não, Guimarães, os valores históricos da velha Vimaranes, dão um filme, dão um filme de extensa metragem e de incomparáveis maravilhas.

A nossa romagem continúa. Está na nossa



O castelo de Guimarães (Entrada principal com os dois cubelos, vendo-se ao fundo a Torre de Menagem)

frente a igreja de Nossa Senhora da Oliveira — velho mosteiro de Mumadona. Entrámos. Um servente anda a varrer o pavimento, limpa, varre as tampas das velhas sepulturas — e é ele o único documento de vida viva que encontramos nesta igreja onde ajoelharam e rezaram reis e fidalgos portugueses. Anda errante um silêncio sepulchral por toda a igreja, sobre os altares, por além, lá em cima, no côro, onde o sol que vem através dos vidros acorda scintilações de ouro velho. Grandes e ricos painéis, com a figura de papas e santos, ilustram as paredes escurecidas. Considera-se esta igreja, que outrora foi mosteiro onde pobres e peregrinos vinham pedir esmolas para o corpo e para a alma, a mais velha casa religiosa do burgo. Este templo, que guarda, no al-



O castelo de Guimarães (Vista geral do lado sul)

tar-mór, a imagem de Nossa Senhora da Oliveira, oferta de Afonso Henriques, é, tam-



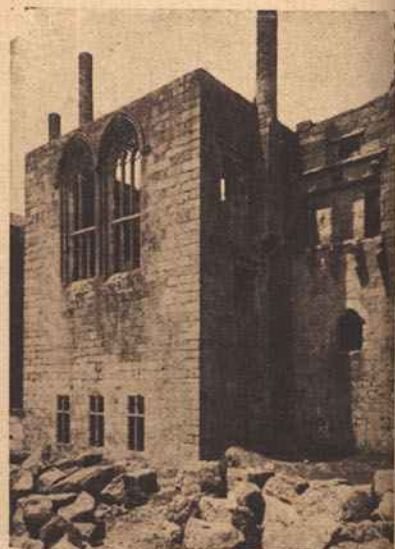
Casa do Paço de Nespereira

bém, sacrário da nossa mais preciosa obra de ourivesaria. Aqui se guarda a célebre e maravilhosa Custódia de Gil Vicente, que alguém, num minuto feliz, classificou de poema de ouro de Portugal. Vamos agora visitar os claustros do Mosteiro, que os séculos derruíram, e que o carinho de alguns vimaranenses anda a reconstruir, com o auxílio do Estado. O corpo de um claustro está já quasi completo. E, aqui, sob estes arcos que exercem no nosso espírito uma sugestão religiosa, temos a impressão de ouvir aqueles passos, miudinhos, abafados, dos penitentes que, dentro destas paredes, passaram a existência a olhar o céu...

Quando saímos, cá fóra, na rua, há mais sol. É domingo. A cidade tem um ar quieto, tranqüilo, sosegado. Contudo, grupos de moçoilas, lindas minhotas, passam por nós, a cantar. O sol cai numa tempestade de ouro sobre a cidade que, a esta hora, parece adormecida na sua velha história. Guimarães dormirá realmente? Supomos que não. E, se Guimarães passa o domingo a dormir tem,



A «Domus Municipalis» de Guimarães



Um aspecto do Paço dos duques de Bragança

contudo, um dormir real: dorme sob uma nuvem de ouro, de sol, e aquelas moçoilas que passam por nós levam, igualmente, fios de ouro — fios de sol no seu pescoço moreno. A nossa rota de caçadores de imagens de

monumentos leva-nos até ao Recolhimento do Anjo, o qual, segundo alguns autores, era o *Hospital do Concelho*. Queremos declarar nesta altura, mas sem a mínima pretensão de lançar declaração inédita, que, desde os comêços de Portugal, Guimarães mantém uma larga e justificada divisa de humanidade. São imensos os recolhimentos, as albergarias e as gafarias que existiram aqui, dos quais alguns restos ainda se encontram, onde o burgo protegia e cuidava dos desditosos e de todos quantos tocados de males precisavam de caridade e salvação. Luís de Pina, o ilustre médico e descobridor de antiguidades, já citado, fala-nos, bem amplamente, dêsse aspecto no seu precioso livro *Vimaranes*, citando casas onde a caridade tinha as expressões mais nobres e belas!

E procuramos, finalmente, num rápido percurso, êsses edifícios onde a assistência pública era ministrada largamente. Aqui, por exemplo, a Igreja da Misericórdia ligada ao hospital do mesmo nome, do qual se desconhece a época de construção, mas no qual, segundo certos historiadores, já em 1604 se



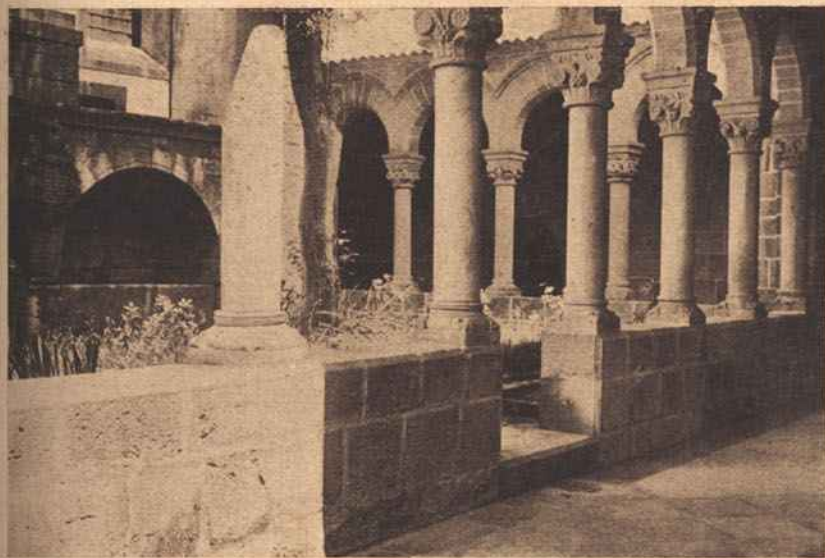
Capela românica de S. Miguel (Guimarães) onde foi baptisado D. Afonso Henriques

trora o convento de S. Francisco, por onde se diz ter passado S. Gualter que é advogado das *maleitas* no concelho de Guimarães, e

Mostram-nos agora o velho solar do conde de Vila Pouca. Guimarães, cidade real, a cidade de Afonso Henriques, está cheia de solares que nos lembram épocas de conquista e fausto. Desejaríamos, realmente, ficar aqui semanas, meses, lendo... os valores históricos das ruas dêste burgo de onde se abriram, em lances gloriosos, as primeiras madrugadas da nossa pátria. Mas é impossível... Somos forçados a ter na memória, como um fantasma, como um aviso, a moldura dêstes artigos. Guimarães — e nós já o afirmámos — dava um grande filme — o melhor filme português. Guimarães, alta tórre de menagem da nação, merece, porém, um novo trabalho. Não o esqueceremos. Voltaremos cá, em breve. *A Cítania de Britéiros*, merece a nossa homenagem — merecerá um dos nossos próximos artigos.

GUEDES DE AMORIM.
SOUSA MARTINS.

(Fotos Alvaro Martins).



Claustro (restaurado) de Nossa Senhora da Oliveira, onde vai ser instalado o museu Alberto Sampaio

recebiam enfermos. Um pouco além desta igreja, apontam-nos um riquíssimo edifício em estilo *rocaille*, certamente um dos mais preciosos que possuímos, e onde, hoje, está instalada a Associação Comercial de Guimarães. Deixamos esta raridade arquitectónica e paramos diante da capela de Nossa Senhora do Serviço. De estilo românico, vê-se que Guimarães cuida desta jóia arquitectónica com o mesmo carinho com que se cuida duma velhinha muito trôpega, mas adorável.

Entramos na rua Travessa. Na nossa frente está, de paredes enodoadas, o velho convento de Santa Rosa de Lima. Há quem afirme que êste edifício, onde viveram os frades dominicanos, foi construído sobre as ruínas da albergaria de S. Domingos ou Hospital dos Peregrinos. E, por fim, a igreja de S. Damaso, amostra importante, com grande valor, porque está ligada, topográficamente, a um velho convento de franciscanos. Sus-tenta-se que foi neste local onde existiu ou-

onde existiu, também, o Hospital do Concelho, mandado construir aí por princípios do século XIII.

A reportagem literária e fotográfica para a secção

«GRANDEZAS DE PORTUGAL»

é feita em automóvel CHRYSLER de que é representante em nosso país a firma

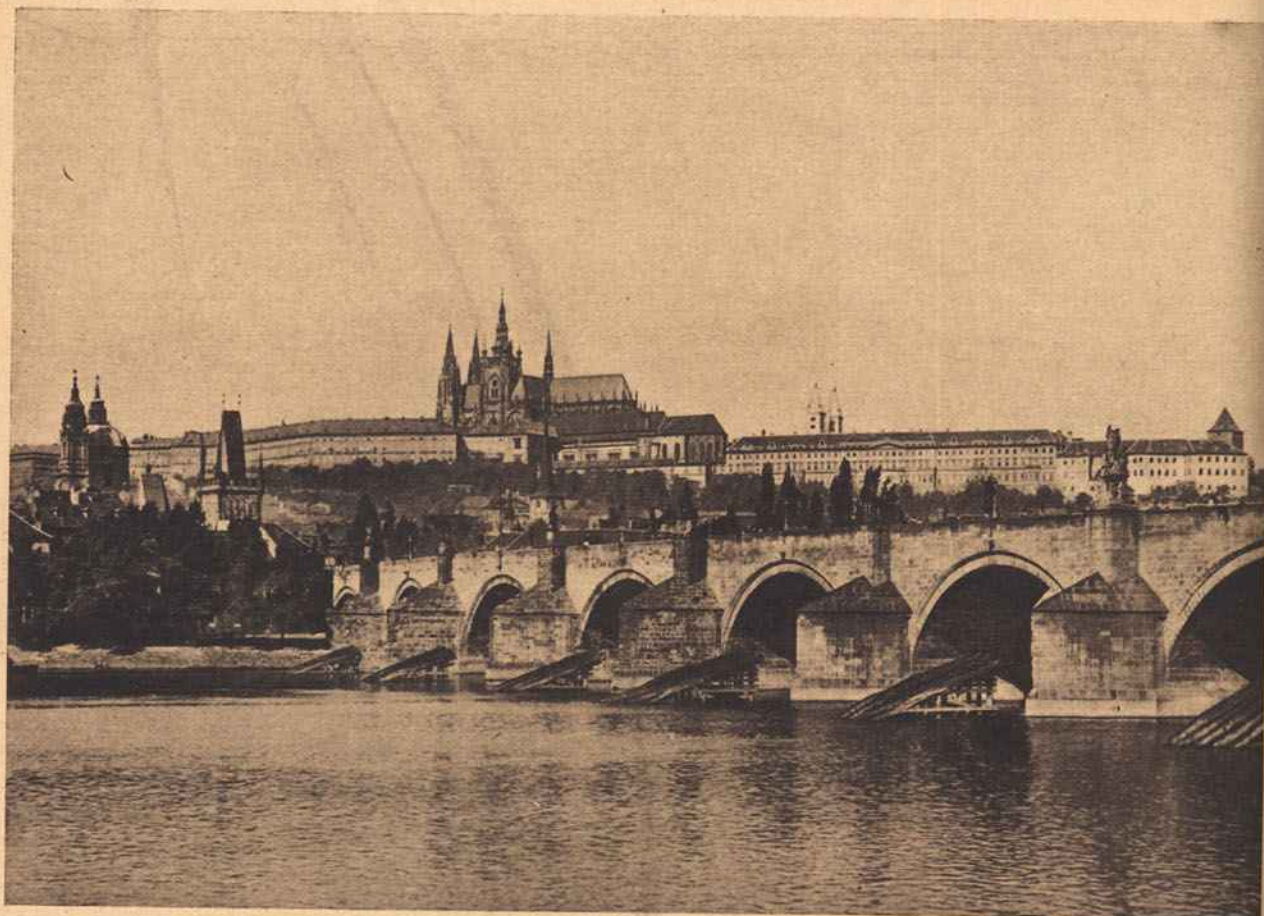
A. BEAUALET

LISBOA — Rua 1.ª de Dezembro, 137

PORTO — Rua de Santa Catarina, 73



Casa dos Custos, em Guimarães



PRAGA — Ponte de Carlos IV (ao fundo o Hradčany)

P Á G I N A S B O É M I A S

I

ORFEU TCHECO

Os gregos não foram grandes músicos; os seus instrumentos eram rudimentares, a sua técnica era limitada e a harmonia foi-lhes desconhecida. Mas, num dos seus muitos lampejos geniais, tiveram a intuição do significado profundo e da influência dessa nova linguagem: Platão e Aristóteles escreveram coisas verdadeiras sobre música; e a imaginação helénica soube criar esse delicioso mito de Orfeu ou do poder da música.

Quando, à sombra do cristianismo, os homens tiveram de buscar forma nova de expressão para os seus mais amplos horizontes espirituais e para a sua sede de infinito e de imortalidade, coube à música ser como um incenso de sons, subindo nas naves das catedrais. Aquele imortal Eurico, do nosso Herculano, quando quer traduzir as suas apreensões e previsões de catástrofe, lá no destêro do Calpe, é em hinos litúrgicos que exprime a sua amargura. E quando no fim do mundo do Renascimento e no alvor da época



O compositor tcheco Smetana, autor da ópera *Dalibor*

contemporânea se opera uma grande revolução mental, é a música que a anuncia e a traduz. Mas o verbo novo vem do oriente, dos povos germânicos, magyares e slavos, para os quais a música é como que uma vocação racial. Um dos grandes mistérios da psicologia colectiva é essa floração poderosa de génios musicais na Europa oriental, em tudo digna de comparar-se às multiplicidades dos homens do Renascimento italiano e da era das navegações, na península.

A Boémia, slava e encravada na civilização germânica, acompanha esse pendor de espírito. Pode bem dizer-se que o boémio fala normalmente três línguas: o tcheco, o alemão e a música. Quando nasce um bebé tcheco — diz um provérbio local — a mãe propõe-lhe uma bolsa e um violino; se ele toma a primeira, será negociante; se recolhe o segundo, será músico.

É tal a sensibilidade deste povo para a música que dela fez voz nacionalista, depositária do seu tradicionalismo, das suas nostalgias da vida livre, e que, para as personificar, criou um mito musical, forma tcheca do Orfeu dos helenos.

Quem deixa o bairro senhorial do Hradčany, deve descer as velhas escadas do castelo, a pé,

para se enfrontar no ambiente histórico do velho burgo e para desfrutar o panorama dos miradoiros sobre o Moldava, com as suas pontes, sobre a encosta com seus velhos palácios e igrejas, e para devassar lá no fundo os jardins de Waldstein, em frente da «Sala terrena» famosa.

Há, à beira da escarpa, uma viela pitoresca, a dos alquimistas, de casas minúsculas, duas vezes a altura duma bengala, outrora habitadas pelas guardas do castelo; essa betesga conduz ao lado mais pequeno do quadrilátero irregular do Hradchany. E esse lado termina por dois bastiões do século XIII: a Torre Negra e a Torre de Dalibor.

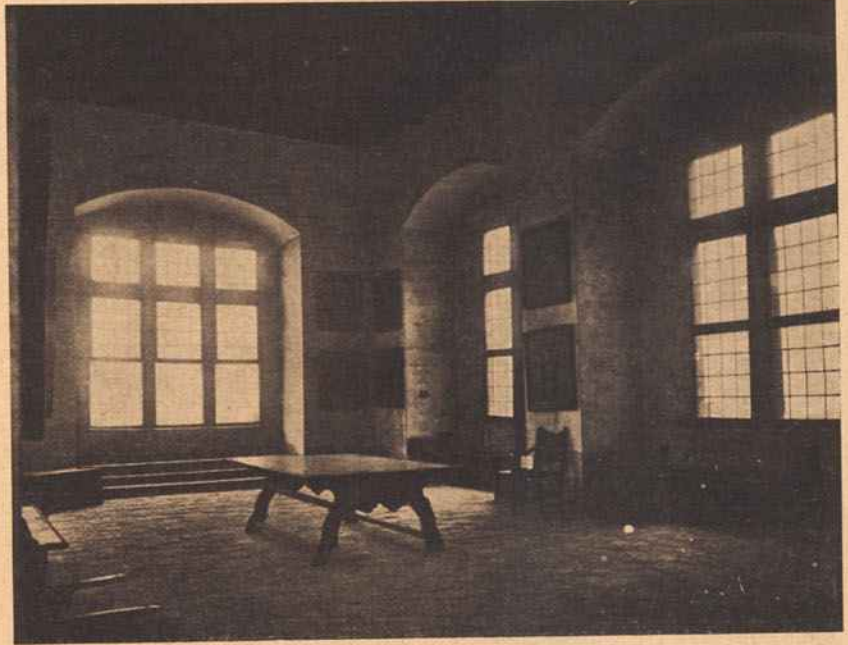
Transpondo o arco da base da Torre de Dalibor, quadrangular, de pequenas janelas perdidas nas vastas faces, deixamos o burgo; começam logo as escadas e os miradoiros. Em volta da torre acumula-se o casario medieval, todo ele povoado de recordações históricas; num plano inferior, outra torre, esta cilíndrica, com pequenas janelas gradeadas, afôa-se no denso arvoredo. Recorda um pombal dos nossos climas.

Aquele casario — explica a lenda — reuniu ali bons burgueses do século XV, atraídos pela musical inefável dum encarcerado na torre, o cavaleiro Dalibor, que num violão misterioso cantava os seus sofrimentos e a sua ansia de liberdade.

Logo nos acode à memória o mito galante de Orfeu, que amansava as feras com a música, que arrancava as árvores, logo reunidas num grande cortejo atrás das suas melodias, que reduziu Plutão e pôde resgatar Eurydice.

Quando, no século XIX, Frederico Smetana fez da música o porta-voz da redenção nacional e foi ao acervo das tradições boémias buscar os temas mais impregnados de nacionalismo, deu relevante lugar ao músico encarcerado da Torre do Hradchany. Repetiu assim a posição espiritual do nosso Garrett, que reformou o teatro português com uma peça sobre o comediógrafo Gil Vicente, que personificava o que de mais nacional subsistira através do universalismo do Renascimento; Smetana restaurava a música e o sentimento nacional em torno desse músico e paladino da liberdade pátria no longínquo século XV.

A sua ópera *Dalibor*, estreada em 1868, ainda hoje se canta, em tcheco e alemão, nos teatros líricos de todo o país: à sua belésia de inspirado lirismo, com vibrações heróicas, seqüência de pequenos poemas sinfónicos, com reminiscências de Weber e Liszt, acresceu agora o



Sala e janela onde se executou a Segunda Defenestração de Praga

significado cívico, que fez de Smetana um dos preparadores da independência.

A ópera tanto pode considerar-se uma exaltação do patriotismo e do amor da liberdade como um panegírico da música. Dalibor insurge-se contra a prepotência que vitimou um seu fraterno amigo, o trovador Zdenek, que sabia exprimir no seu violão todos os acentos da sua sensibilidade e toda a poesia da terra. E quando um excesso de orgulho o leva a ameaçar o próprio rei Ladislau e o conduz ao cárcere, a alma do amigo morto vem consolá-lo, repetindo-lhe as suas melodias impregnadas de saúde e de dor. Dalibor sente a extensão do poder da música e suplica essa companhia única, a dum violão. E Milada, rendida à sua galhardia e belésia, corre todos os riscos para lhe trazer o almejado violão e para lhe preparar a fuga. O violão é a voz mágica que traduz todo o seu sentir, que era afinal uma emoção colectiva e também uma verdadeira soberania, a

mais duradoura, a da arte. Os burgueses apinham-se em torno da torre para ouvir o triste encarcerado; juntam-se as casas, como as feras e as árvores rendidas a Orfeu.

Ao invés do mito helénico, é Milada, nova Euridice, que vai ao inferno para salvar Orfeu; Dalibor, quando era conduzido ao cadafalso, é libertado um momento por tropas afectas, à frente das quais corre Milada, sob a magia do violão misterioso. Mas como Euridice, a ponto de se salvar, é recuperada pelos nubes infernaes, assim Dalibor, já sem razão de viver após a perda da sua Milada, é morto no assalto pela soldadesca do rei, alheada aos encantos da música; também Orfeu, indiferente e apático, é despedaçado pelas Bacantes...

Coincidem assim os helenos, com a sua previsão inexperiente, e os tchecos, no fim duma longa e amarga aprendizagem histórica, em reconhecer o poder transcendente da arte e do espírito, e em nos pintar ao vivo, bem impressivamente, a fatalidade da sua derrota?

II

FENESTRA — ULTIMA RATIO

Aqui está um aforismo de lógica política, que se poderia dizer creado pelos tchecos, no decurso das suas sangrentas lutas religiosas.

Chegados os adversários à irredutibilidade, o mais fortemente convencido e mais audacioso lança pela janela fora o contendor. O regime moderno das maiorias achou uma transigência cortez: é a declaração dos que assinam «vencidos».

Este supremo argumento foi inventado por João Zizka, de Trocnov, em 30 de Julho de 1419 — data que os compêndios de história da lógica se têm esquecido de assinalar...

Foi nos dias seguintes à morte de João Hus, queimado vivo por sentença do Concílio de Constança. A doutrina do mestre não desaparecera com ele, antes se multiplicava dia a dia e a sua defesa daria motivo a guerras sanguinolentas. Havia hussitas radicais ou *laboritas*, que habitavam os campos, e hussitas moderados, transigentes com os católicos, que habitavam a capital e eram por isso chamados *praguenses*. O rei Wenceslau IV, querendo evitar novas intervenções de Sigmundo, imperador da Alemanha, nos negócios interiores da Boémia, e temendo também outra sublevação dos senhores, saiu da sua tolerância e adotou algu-



A rua dos Alquimistas



Torre de Dalibor

mas providências contra os radicais hussitas. Como também na capital reinasse o descontentamento, principalmente no bairro de Nove Mesto, onde a voz de João Zelivsky pregava a intransigência, o rei procurou influir no espírito público por meio do conselho municipal, onde introduziu partidários da sua política. Estes tomaram demasiado a sério o seu papel de legados da política anti-hussita do rei e feitas diligências várias, usaram o argumento tido então por último, na série das razões incruentadas: a prisão. E para o cárcere enviaram vários cabecilhas da oposição.

No dia 30 de Julho de 1419 uma procissão hussita, dirigida por Zelivsky, desfilava pelas ruas de Nove Mesto; ao passar junto dos Paços Municipais, o cortejo deteve-se e vozes inflamadas exigiram a libertação dos hussitas presos. Como única resposta, do balcão dos senhores vereadores, foi atirada uma pedra sobre Zelivsky, que conduzia num ostensório a hóstia consagrada. Imediatamente, o povo em cólera assaltou o edifício, sob o comando de Zizka, gentil-homem da corte, lançou da janela para a rua os vereadores e substituiu-os por eleitos seus. Wenceslau IV, a princípio contrariado pela invenção nova do seu povo, acabou por se conformar com a sua vontade e a «defenestração» foi consagrada como a última razão nas lutas político-religiosas do país.

Este Zizka veio a ser a grande figura militar das guerras hussitas, criador duma tactica nova, o mais temido adversário de Sigismundo da Alemanha e do Pontífice, e, pela sua defesa da liberdade de consciência e da lingua tcheca, um verdadeiro paladino do espírito nacional. Quando morreu, os seus companheiros inhumaram-no solenemente na Igreja do Espírito Santo, em Hradec Králove, e para exprimirem a sua perpétua saudades do herói, tomaram o sobrenome de «órfãos».

A defenestração tornou-se uma penalidade típica do país. E quando, dois séculos depois, se dá a segunda «defenestração de Praga», os historiadores recordam que os defenestradores procediam «conformemente ao velho uso tcheco» (Jos. Posëk, *Histoire tchécoslovaque*, trad. fr., pág. 119).

Foi esta segunda defenestração de Praga, que se universalizou, porque as suas consequências tiveram uma repercussão verdadeiramente europeia, pondo a ferro e fogo os países centrais.

Reinando Fernando, Duque de Styria, surgiu um violento conflito entre os católicos e evangélicos. Entre os primeiros compreendiam-se todos os fiéis à autoridade de Roma e entre os

evangélicos as últimas sobrevivências do longínquo espírito hussita e os adeptos da reforma luterana.

Como Fernando havia jurado a *Carta de Magestade*, de 1609, outorgada por Rodolfo II, que reconhecia a liberdade de consciência, os evangélicos invocaram-na num diferend com o arcebispo de Praga, que mandára demolir o templo Hrob, e com o abade do mosteiro de beneditinos de Bromnov, que também fizera demolir outro templo evangélico nessa pequena cidade. Apreensivos, os tchecos viram em breve, com surpresa, que esses actos eram confirmados por Fernando e pelo seu tio, o imperador Matias da Alemanha. Decidiram então formar uma junta de defesa e convocar uma reunião de delegados dos Estados evangélicos. Esta reunião era um direito consignado na *Carta de Magestade*, de 1609. Apesar disso, o governo imperial proibiu essa reunião, por intermédio dos seus lugares-tenentes Slavata e Martinice, publicamente conhecidos como adversários da liberdade religiosa.

A 21 de Maio de 1618, o congresso reuniu-se, a despeito da interdição imperial, numa dependência da Universidade de Praga, e foi muito concorrido. Numa conferência íntima, alguns congressistas, querendo mostrar a sua forte convicção, para dissipar dúvidas nos hesitantes e provar ao governo de Viena a sua disposição para a luta, deliberaram empregar o argumento último, inventado por Zizka: a defenestração. E no dia 23 de Maio grande número de congressistas acudiu ao Hradchany, onde após um simulacro de julgamento sumário, Slavata e Martinice, violadores da *Carta de Magestade*, foram lançados das janelas da sala para um profundo fôssco. Filipe Fabricio, secretário incontinente nos seus protestos, partilhou a sorte dos seus chefes. As hervagens e os destrôcos acumulados no fôssco amorteceram a queda dos defenestrados, dos quais só Slavata recebeu feridas de gravidade.

Polyxena Lobkovic, grande dama católica, que habitava na vizinhança, pôde pensar tranquilamente o ferido, de cuja sorte ninguém mais se preocupou entre os congressistas—logo absorvidos pela organização dum conselho de trinta directores dos Estados rebeldes, sob a presidência de Guilherme de Roupov, pela expulsão dos jesuitas e pelo levantamento dum exército comandado pelo Conde Thurn.

A sala, onde decorreu esta scena para sempre histórica, ainda hoje se vê em Praga, num ângulo do terceiro pátco do Hradchany; e o momento agudo dela foi reconstituído pelo grande pintor histórico, V. Brozik, o mesmo que

nos perpetuou o julgamento de Hus em Constança e a chegada festiva do rei eleito Jorge Podebrady.

Esta revolta de 1618 determinou uma guerra tcheca, logo generalizada numa guerra europeia, que só concluiu em 1648 com a paz de Westphalia que por isso foi chamada dos «Trinta anos». A Boémia foi aniquilada logo no primeiro período, o palatino na batalha da Montanha Branca, a montanha maldita para a alma tcheca. Poucos meses depois, no Rossio do bairro velho de Praga, os vencedores exerciam a sua represália memorável, fazendo executar 27 tchecos ilustres, entre eles octogenários; alguns tiveram antes a lingua e a mão direita cortadas. Uma das mais vibrantes poesias de J. S. Machar é a narrativa do verdugo, causado das suas fainas, orgulhoso da sua destreza, mas deixando entrever respeito e admiração pela serenidade heróica das vítimas.

Esta segunda defenestração de Praga oferece aspectos mais complexos ao observador: era já método reflectido e definido. Necessitava dum processo prévio para incriminação e julgamento: os congressistas imputam aos lugares-tenentes imperiais um crime, o da violação da *Carta de Magestade*; instauram um processo e sentenciam a aplicação da pena típica—a defenestração. Mas depois de executada esta, desinteressam-se da sorte dos penados, que já não são vítimas da cólera popular, como os vereadores de 1419. E tanto criam empregar um legítimo artigo penal que logo protestam o seu lealismo ao soberano. Era um direito popular ou coletivo em formação, com uma sanção penal originalmente boémio, como o «chara-kiris» dos japoneses e o linchamentos dos Estados Unidos, como a matança dos cristãos novos entre nós, pretendeu ser. A fogueira era mais tipicamente peninsular.

O acabamento de Miguel de Vasconcelos no primeiro de Dezembro de 1640 não é um caso de defenestração à maneira tcheca, porque o valido da Duquesa de Mantua foi morto no armário em que se escondera, era já cadáver, quando os criados de D. Gastão Coutinho, por sua iniciativa e num excesso de devoção à causa dos conjurados, o lançaram pela janela para o Terreiro do Paço.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.



Trecho renascentista do Hradchany

a estatua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON

(Conclusão)

pele REPORTER X

«Entretanto o Marquês germinava um plano contra o qual se quebram os melhores atos da defesa, um plano que é um ferro em brasa suspenso sobre os nossos corações: sobre o de D. Leonor, da filha, de Frederico de Alcântara e do meu, o do casamento com Celeste! Casando com a pobre mártir acabam-se para elle todos os perigos; torna-se inofensiva libertação do prisioneiro; torna-se risível a teimosia de D. Leonor em guardar o seu segredo visto que, para elle ter no futuro a utilidade que a desventurosa mãe premedita ou seja, da filha se apossar do tesouro do avô, o marido terá de compartilhar se não da revelação, pelo menos dos seus frutos que é precisamente o que elle ambiciona. Para conseguir que Celeste ceda às suas imposições basta apertar, com rapidez, os torniquetes do tormento que se enclavinha naquela já tão ulcerada alma. Nenhuma filha, por muito amor que tenha ao homem que ama, compra a ventura desse amor sabendo que o preço estipulado é o da vida do pai!

Calou-se o dr. Oldemiro. A luz abtjourada do candieiro de petróleo desenhava um triângulo negro e um triângulo amarelo sobre as faces, caracterizando, numa fantasia impressionante, a dolorosa expressão do seu sofrimento. Bojerson, súbito, indagou:

— E esse tesouro dos dobrões de ouro?

— Está guardado na...

O silêncio que cortara, rápida, a resposta do médico, fôra mimado na face por um evidente contravapor de raciocínio. Nos seus olhos enormes, portuguezíssimos, scintilhou um sentimento de cólera ante si próprio, mas tão eloquente, que o ilusionista não poudes conter o riso:

— O *sinhorre doutorre* tem medo que eu va buscarre o baú do velho Heitorre antes do Marquês?

O próprio médico se sorriu também do disparate daquele arrependimento irrefletido.

— Por amor de Deus, Bojerson... Se me calei foi porque o pouco que conheço desse segredo é tão inverosímil que me custa a acreditar e portanto temo ser ridículo revelando-o. E esse pouco sei-o porque chegou ao meu conhecimento através da descrição que Celeste fez da scena havida com a mãe, após a entrevista com o sacerdote.

Contava-me ela que o tio se desesperava porque o padre abemolava a voz para segredar o local onde o tesouro estava oculto, e acrescentava que dessa confidência apenas chegara aos ouvidos do bisbilhoteiro duas palavras: a *estátua ôca*... Quando o sacerdote safu o Marquês exigiu a D. Leonor que lhe dissesse a que *estátua* se referira o padre, e que D. Leonor se calou. Nunca mais Celeste voltou ao assunto nem eu, como você deve calcular, Bojerson, podia, sem me arriscar a caricaturar-me sob um aspecto pouco airoso aos olhos da mulher que amo, interrogá-la a este respeito. Contudo...

Nova hesitação que Bojerson desfez, impaciente.

— Contudo o *sinhorre* não pôde esquivar-se a reflectir, a *tirrar conclusões*, a deduzir...

— Assim foi... Recordei-me que Heitor Linhares, o pai de D. Leonor, era descendente do artista que construiu o monumento a El-Rei D. José, no Terreiro do Paço...

— E ligando as coisas... — intervém Bojerson, proseguindo o pensamento do médico — concluí que nada mais natural que essa *estátua ser ôca*, ter um segredo, que esse segredo passou de herdeiro em herdeiro até Heitor Linhares e este o aproveitou, não encontrando melhor esconderijo para os seus dobrões amealhados com santa paixão. E esta?

Dr. Oldemiro moveu a cabeça afirmativamente. Depois, confessou:

— Ao mesmo tempo que me parecia lógica esta dedução, temia que ela fôsse ridícula aos olhos dos outros e por isso me engasguei há pouco quando, involuntariamente a ia revelar...

Bojerson ergueu-se; e como sacudido por uma inesperada frescura aconchegou o *cache-nez*, juntou a gola do sobretudo; foi buscar o chapéu, seguido silenciosamente pelo médico. E só quando, à beira da porta, lhe estendeu a mão é que rematou a entrevista, dizendo:

— Lógica ou ridícula, a sua dedução *sinhorre doutorre* é a que nos vai servir para salvar tôda a gente, tôda! E *parra pregarre* uma valente *partida ao patife do Marquês*. Até amanhã, *porque* amanhã venho visitá-lo, ouviu?

CAPÍTULO XII

CASOS E COISAS GRAVES...

Agora... — perdão! — agora não é Bojerson, nem o marquês de Mantelo, nem o

dr. Oldemiro de Azevedo o que vos fala — mas sim eu, eu, autor desta novela, ou antes o adaptador ao estilo e forma novelescas deste capítulo das memórias do simpático ilusionista dinamarquês. Como os senhores podem facilmente visionar nem Bojerson deixou, manuscritas, as suas aventuras, nem quem m'as conta, usa da linguagem e da técnica que empreguei até este oasis da prosa. A existência de Bojerson foi-me revelada por um velho portuense, descendente de uma dinastia afamada de românticos entre os quais abundavam os confidentes do popular escandinavo.

A *Estátua Ôca* foi narrada durante cinco

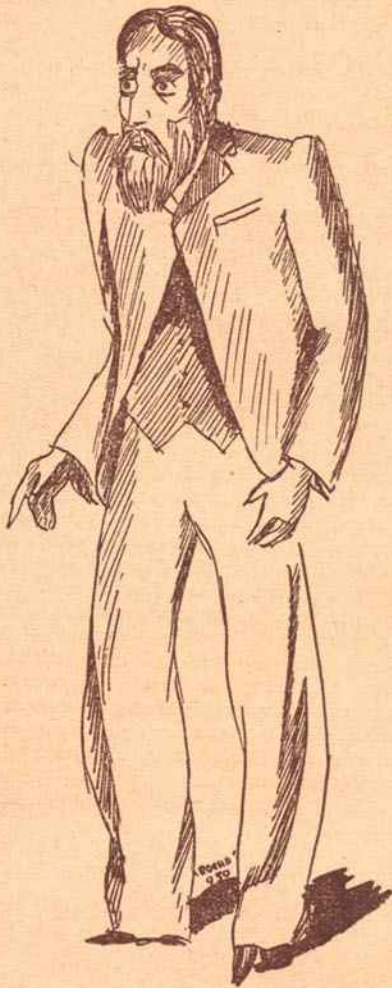


madrugadas a fio, no inverno passado. Dêse lote uma parte foi amassada e metida no forno de modo a dar-me essa pá de capítulos, a escaldarem ficção, embora feitos com farinha de genuína realidade. O remate, porém, não me oferecia plasticidade para eu proseguir na mesma técnica. Sou pois obrigado a interromper a novela e a arrancar o remate com a simples transcrição do que ouvi na quinta madrugada.

Portanto, repito: não é Bojerson, nem o marquês, nem o jovem médico, nem Celeste, nem D. Leonor quem vos vai falar, mas sim o velho amigo portuense. Obeso e risonho, cinquentão e com rôsto de bebé bochechudo, mãos cruzadas sobre o ventre pançudo, a tostar-se ao clarão rubro da lenha — elle começa por dizer:

— O plano que favoreceu com mais um





triufo a gloriosa carreira de Bojerson, devia ter-lhe sido sugerido, inteiro e sem um detalhe a menos, das últimas frases escutadas naquela noite ao dr. Oldemiro. E tanto assim que não roubou ao sono um só minuto e que, na manhã seguinte, mal pulou do leito começou a agir, sem vacilações.

«Retirei o numeroso elenco dos discípulos e maquinistas; deu-lhes ordens secas que os surprenderam mas às quais obedeceram com a cegueira de soldados disciplinados e seguros do génio super-humano do chefe, e tomou logo a seguir um trem de praça que o conduziu ao palacete onde, na véspera, executara o seu programa mirabolante.

«O marquês recebeu-o entre carrancudo e intrigado. Mas para Bojerson, hábil suggestionador de multidões, suggestionar um só indivíduo era brinquedo de pouca monta. Fingiu-se, ao princípio, embaraçado com a exposição do objectivo da sua visita, tartamudeando e exagerando as deficiências da sua algarviada; e por fim, como quem lança por descuido, um fósforo acêso sobre uma pirâmide de palha — arriscou uma frase que teve o condão de fazer pular da cadeira o dono da casa.

«Podia tornar-me o homem mais rico da Europa e abandonar para sempre a arte se eu encontrasse um sócio que quisesse colaborar comigo e que me ajudasse a legalizar a história da Estátua Oca...»

«Este período viera logicamente atrelado

a várias confidências de fadigas, de ambições de repouso, de tesouros que permanecem inúteis e estereis quando podiam fazer a felicidade de muita gente, e outras intimidades cujo alcance o marquês não podia atingir. Mas as duas últimas palavras picaram-no como lanças de centurião romano.

«— Estátua Oca? repetiu. Mas o que quer o sr. Bojerson dizer com isso?

«Bojerson remecheu-se; humedeceu os lábios com a ponta da língua, e arqueando muito as sobrancelhas entrou francamente nos desabaços.

«— Como o sr. marquês sabe eu tenho a honra de possuir a amizade e a confiança das melhores famílias de Portugal. Poucos artistas serão recebidos pela gente da corte como eu! Há tempos, visitando um conde, cujo título peço licença para calar e que me foi apresentado pelo meu grande amigo, o infante..., mostrou-me este a sua biblioteca onde abundam manuscritos de veras valiosos. Havia um, entre muitos, que me chamou a atenção e que eu pedi para levar para casa para ler. Para não despertar suspeitas (as razões já o sr. marquês vai compreender) meti-o entre mais quatro que nada me interessavam e uma vez em casa comecei a estudar com *molto cuidado*. Tratava-se nada mais nada menos do que dum documento em que um operário que tinha trabalhado na construção da estátua de D. José revelava segredos espantosos aos seus herdeiros».

«O marquês empalidecera. Queria aparentar calma, mas não conseguia. Ergueu-se, foi até à janela; assoou-se; tossiu; sentou-se de novo, e com o seu melhor sorriso, suplicou ao dinamarquês que proseguisse.

Bojerson proseguiu. Segundo esse documento a estátua de D. José era oca e que o seu autor, fizera-a propositadamente, não só obedecendo aos altos interesses de uma seita como para oferecê-la aos seus herdeiros. Depois de inaugurada a estátua ele, com ajuda de alguns operários, igualmente iniciados, abriu uma passagem secreta que começava nos caboucos da sua oficina e que ia desembocar à estátua. De investigação em investigação Bojerson foi sabendo que um herdeiro do tal artista, recentemente falecido — Heitor Linhares — aproveitara esse segredo de família para nele ocultar uma enorme, uma imensa fortuna. Pelo menos era esse o boato corrente em certa sacristia.

«Logo a seguir Bojerson averiguara onde era a oficina do artista que construíra a «estátua oca» e, com tanta sorte andava, que a apanhara desalugada, ocupando-a imediatamente, com contracto por três anos e sob o pretexto de a aproveitar para arsenal dos seus múltiplos adereços e para fábrica de novas bugigangas do ilusionismo. Fácil lhe fôra depois topar com a embocadura da passagem subterrânea e com um louco entusiasmo invadir os subterrâneos do monumento...

«— Nesse caso! exclamou o marquês tremulo de angústia e esverdeado de raiva... Nesse caso o tesouro de Heitor Linhares?

«Ah! Era ali, precisamente, que residia a chave diabólica do problema. A sorte protegera-o — confessava Bojerson — até à entrada na estátua oca; mas depois... Depois reviravoltara-se e tornara-se negativa. Outro segredo existe naquela charada de bronze e

mármore, e para esse encontrava-se impotente o ilusionista.

«O marquês respirou, e Bojerson proseguiu: Não querendo dar-se por vencido averiguara que uma pessoa havia que era talvez a única na terra para quem o tesouro estava destinado e que conhecia o esconderijo desse tesouro, dentro do oco da estátua. Essa pessoa era...

«— ?

«— Um tal Frederico de Alcântara!

Os punhos do marquês, ao escutar o nome do irmão, enclavinaram-se nos braços da cadeira. Era impossível! Como podia ele, Bojerson, garantir tal disparate. E Bojerson, afectando um sorriso de superioridade esclareceu. Segundo as confidências de um velho criado que se lhe abria a trôco de uma nota de cinco mil réis o velho Heitor Linhares tinha uma filha e esta filha um namorado — o tal Frederico de Alcântara. Amores contrariados; rapto; e a raptada, nas pressas de entrouxar as roupas levava num pequeno guarda-jóias um papel. O amante ao ver o cofre negou-se a guardá-lo e com toda a dignidade devolvera-o ao pai de Leonor, guardando porém o documento que vinha dentro, por descuido. Ora esse documento era a chave do esconderijo! Assim o assegurara o criado que o ouvira da boca do amo, quando este expressava blasfêmias contra o amante da filha...

«O marquês não podia replicar. E vinha ao encontro dos seus designios. E ao vencer-se da visinhança do triunfo, rapidamente se dominou, para poder dominar. E numa grande calma deixou que Bojerson terminasse:

«— Apenas me falta encontrar Frederico de Alcântara. Encontrado esse homem, que ninguém sabe onde parra, o tesouro é meu... é nosso. Mas sóinho não posso continuar. É indispensável um colaborador... Querre o sr. marquês colaborar comigo, dividindo depois o tesouro entre os dois?

O marquês reflectiu antes de responder. Uma ligeira suspeita o assaltara. Porque razão Bojerson viera ter com ele e lhe propusera este negócio — e não escolhera outro entre tantas relações que possuira em Portugal? O ilusionista sorriu-se e antes de explicar — perguntou-lhe se dava licença de ser franco. Que fosse franco à vontade — ordenou o dono da casa. Pois bem...

«— Não é pelos bonitos olhos do sr. marquês que eu sacrifico metade do tesouro...



Mas é porque as minhas investigações me garantem que V. Ex.^a é... é... irmão do desaparecido *Frederrico de Alcantara*...

Era lógica a resposta do ilusionista — e o marquês curvou-se ante aquela *franqueza*. E estendendo-lhe a mão, como que selando o pacto, mentiu dizendo-lhe que ignorava o paradeiro do irmão — mas que tinha probabilidades de o encontrar.

— Prudência! pediu Bojerson. Não lhe diga nada quando o encontrar.

— Já vai compreender! Se lhe disser que eu descobri precisamente o que ele ignora — que é o caminho que conduz à estátua — ele fará o possível para ocultar o seu segredo ou fazê-lo pagar caro. O grande processo é este. No dia em que V. Ex.^a der com o seu mano avisa-me. Eu venho buscá-lo; vendarei os olhos aos dois — pelo que desde já peço mil *perredões* — e conduzi-los-hei até ao interior da estátua. Uma vez lá ele não terá outro remédio senão revelar-nos o segredo, participando do tesouro — porque, de contrário nunca mais saberá o caminho que conduz à estátua óca.

«Era pasmoso, o bom do Bojerson. Previa tudo. Mas...

«Ouça, Bojerson. Franqueza com franqueza. Antes de eu pôr mãos à obra e procurar o meu irmão — leve-me, só a mim, ao local para eu me certificar que existe um caminho... e uma estátua óca...

«Perfeitamente! É justo! Mas — ...tem que se *sujeitar* à venda nos olhos...

«Está bem. Aceito.

«Ficou combinado para o dia seguinte. No dia seguinte Bojerson adiou para dois dias depois; e ao terceiro adiamento o marquês começou a sofrer sérias suspeitas. Mas precisamente quando fazia uma semana — Bojerson foi buscá-lo ao palácio num trem fechado — pedindo muitos *perredões* da *demorra*... Até à Rua de S. Roque tudo correu sem acidente. Ao aproximarem-se do Largo das Duas Igrejas as cortinas foram corridas. Mais de meia hora durou o passeio — e o marquês devia ter tido a noção que o trem dava voltas sobre os mesmos caminhos para despistá-lo. Por fim — os cavalos estacaram. Era o momento solene... Bojerson tirou do bolso um lenço enorme, de seda multicolor — um lenço de palco — e com o seu mais belo sorriso, vendou-lhe os olhos, atando-o na nuca. Depois, delicadamente, ajudou-o a descer. O marquês percebeu que entrava num compartimento... Ouviu o ranger das tábuas... A seguir sentiu que pisava terra... Desceu uns degraus — vinte. Subiu. Tornou a descer. Tornou a subir — até perder a conta e desorientar-se... Após a passagem pela última escada teve de calcurear um terreno enlameado, ao qual os saltos se colavam. A mão de Bojerson, apertando a sua, não deixou de o ciceronar nem um só instante... Cinco ou seis minutos durou a caminhada... Depois os sapatos riscaram como por um lagedo. Subiram novos degraus e por fim Bojerson parou exclamando:

«— Pronto. Chegámos.

«Ele próprio ajudou a desenlaçar a venda. Libertos, mas pestanejantes, os olhos do tio de Celeste procuram, ansiosos, reconhecer o local onde se encontravam. Não havia dúvida! Era a estátua de D. José... por dentro. Um cheiro a bafio — um bafio que parecia trazer a morte de séculos — empapava a

atmosfera. A luz dum lampeão que Bojerson trazia — o marquês viu aberto no chão lagedo o rectângulo duma passagem. Por ali tinham vindo, seguramente. Encontravam-se, pois, no Terreiro do Paço... Mas, por mais que esforçasse o espírito não havia forma de se orientar calculando a distância percorrida e o local por onde entrara. O que não podia negar era a veracidade da história contada, havia oito dias, pelo dinamarquês. Existia a



estátua óca; existia a passagem subterrânea. O tesouro devia existir, portanto...

«— Parabens, Bojerson...

«— Agora, sr. *marquês* só falta...

«— Só falta o meu irmão. Eu o encontrarei — descance...

«O ilusionista reconduziu-o com as mesmas precauções, só lhe arrancando a venda quando o *coupé* atravessava o Largo das Duas Igrejas.

«No dia seguinte era o próprio marquês que visitava Bojerson, no seu hotel do Rossio:

«— Está encontrada a pessoa que queremos — e vamos buscá-la imediatamente, se puder ser.

«— Pode! apressou-se a responder Bojerson, contendo com enorme esforço a sua emoção.

«— Mas, por motivos... também secretos, serei obrigado a usar para consigo as mesmas precauções que você usou comigo, ou seja a vendá-lhe os olhos...

«— Está bem...

«— Iremos agora num *coupé* meu e o meu amigo manda esperar o seu *coupé* no Largo do Rato.

«Assim se fêz. Quando foi arrancada a venda ao ilusionista este viu ao seu lado um homem horrivelmente magro, de faces esverdeadas; barba descuidada de semanas; com as pernas a boiarem dentro dumas calças larguíssimas; e sobretudo deitado sobre os ombros. Os seus olhos bogalhudos fitavam, assustadiços, Bojerson, como que ansiosos de um entendimento. Era Frederico de Alcantara, o pai de Celeste, que após tantos anos de sequestro via a luz do dia... E embora o irmão procurasse ocultá-lo do ilusionista, este pode aperceber que sob o capote que não enfiara e que lhe cobria o ombro, ele segurava uma pistola que já mais descolava dos rins de Frederico.

«Chegado ao Largo das Duas Igrejas, o dinamarquês tirou dois lenços e vendou os dois irmãos. A demora do trem rodando à toa pelas ruas da cidade foi a mesma da véspera; o mesmo protocolo seguido até que os pés do marquês sentiram sob eles o lagedo liso. Arrancou a venda e viu-se no ôco da estátua de D. José. Floria já nos seus lábios ambiciosos e crueis um sorriso de triunfo — quando notou pela falta do irmão. Metamorfose rápida e brutal:

«— Onde está Frederico? Que quer isto dizer?

Bojerson mostrou-se entre admirado e ofendido com aquela berrante suspeita do marquês. Contudo, coisa alguma era capaz de desorientá-lo das suas teatrais atitudes.

«— Mil *perredões* — mas não compreendo o que V. Ex.^a quer dizer. O *irmão* de V. Ex.^a não podia *virre* ao mesmo tempo. A passagem é só *parra* duas pessoas. Mas... descance. Deixei-o vendado e fechado à chave...

«Acompanhou esta última informação com a exibição de uma chave. O marquês acalmou um pouco — mas não sossegou...

«— Bom! Vá buscá-lo depressa!

«— Vou já, *senhorre marquês*! Vou já...

Deixou o lampeão e desapareceu pelo alçapão... O marquês lançou-se num vai-vem nervoso e inquieto no curto espaço que lhe oferecia o local. Um vago pressentimento de burla, de derrota o afligia, o asfixiava... Tentava em vão sossegar-se garantindo a si próprio que Bojerson era incapaz de uma deslealdade...

«— Sim... — repetia a meia voz. Com que interesse? Com que interesse?...

Mas era em vão que se esforçava por safar do inferno da dúvida... Os primeiros minutos pareceram-lhe horas... Mas os minutos foram-se juntando, capitalizando... Ele não parava, dando voltas de fera enjaulada — parando apenas para espreitar, curvando-se sobre a abertura do alçapão, apurando o ouvido... Nada se ouvia. O silêncio era completo...

Súbito, um ruído seco, um baque metálico, sobressaltou-o e obrigou-o a soltar um grito de terror. Voltou-se rápido... Fôra o tempo do alçapão que caíra... Esboçou um sorriso artificial... Que nervoso estava! Qualquer coisa o assustava... O tempo de ferro caíra talvez em consequência dos seus próprios passos... Aproximou-se; dobrando o busto e tentando abrir de novo o alçapão, puchando pela argola... Ah!... Mas... mas estava fechado! E daí talvez fôsse a lingueta que entrara no gancho, devido à queda... Quando Bojerson voltasse, abri-la-hia... Toda a sua preocupação agora era inventar explicações, esclarecer-se — afugentar o medo que começava a invadi-lo... Pela primeira vez consultou o relógio... Só? Não era possível! Há mais de uma hora, pela certa, que estava ali...

«Não era possível iludir-se por mais tempo! Fôra vítima dum *guet-apens*! E caíra — caíra como um garoto inexperiente... Uma onda de ódio se dilatava no peito — para logo ser oprimida pelo terror... Sentia nascer dentro de si a angústia indiscretível dos enterrados vivos... Tinha a impressão que o ar se tornava mais pesado; que os pulmões dificilmente o recolham; que a asfixia ia começar lenta, inquisitorial, diabólica... E a sugestão completava-se com ton-

turas, vertigens, empoiramento nos olhos, quebras nas pernas, tentações de se deixar cair, de reventar o colarinho...

«Os olhos humedeceram-se-lhe... Rondou ainda umas voltas — e depois foi encolher-se a um canto, murmurando preces, fazendo promessas a Nossa Senhora das Dóres, desgredendo-se, gemendo, chorando... E as horas foram passando... Nova consulta ao relógio... Sete horas... Meio dia marcava a última vez que o vira... Ah! Perdera todas as esperanças. Era vítima da sua própria credulidade! Estava perdido! Irremediavelmente perdido!

«Súbito teve a vaga impressão de ouvir a sireia de um vapor... Ergueu-se... Colou os ouvidos às paredes da estátua... Dir-se-hia que chegou até ele um longuíssimo bru-ha-ha da multidão... Mas estas ilusões logo se transformavam em desespero...

«Qual sireia de vapor! Qual bru-ha-ha! Era a loucura! Sim! O sofrimento, a angústia, a asfixia de enterrado vivo começava a criar-lhe visões obscurecidas. E este convencimento fê-lo rodopiar, acendendo-o num fúria epiléptica... Os dentes cerram-se-lhe, rangendo. Os punhos fecharam-se. E sacudido pela cólera, atirou-se contra as paredes da estátua... Mas logo ao primeiro contacto estremeceu. A carne das mãos, em vez de encontrar a frieza e a dureza do mármore, tinha sido acolhida pelo tom morno e pela maciez do cartão...

«Foi curta a sua reflexão; e julgando-se vítima de um novo juguete do seu espírito alucinado prosseguiu no seu ataque contra as paredes... A cada sóco que vibrava toda a estátua estremeceu... Houve instantes em que se julgou um Sansão de músculos suficientemente poderosos para derrubar os mármore e os bronzes do monumento a D. José I... E prosseguiu, batendo à doida atirando pontapés, sócos, cabeçadas — numa alucinação que tê-lo-hia lançado por terra, com o crânio fendido se de bronze e mármore fôsem aquelas paredes...

...Mas não eram... Amolgadas, primeiro, rasgadas depois — não tardaram em abrir-se-lhe e a oferecer-lhe um espectáculo que o ia enlouquecendo — mas desta vez a valer... Pelas fendas que conseguira antevia-se o Tejo, chamuscado pelos últimos raios de ouro do sol... Introduziu as mãos — rasgou mais uma abertura e pulou para fora do seu cárcere... Respirou fundo e circunvagou o olhar...

Santo Deus! Em que ridícula cilada tinha caído. Por fora, a estátua era um adereço teatral, moldada em cartão, mas sem coloridos e erguida a meio de um terreno vedado por um tapume de madeira por três lados. O quarto dava para o Tejo. Aproximou-se do tapume e espreitou... Uma multidão indiferente desenrolava-se pelo passeio; cruzavam-se os americanos, apinhados de gente... Em breve reconheceu o local. Era o Aterro...

«A poucos metros da scenográfica estátua havia um barracão. A porta não estava fechada. Impeliu-a e entrou. Era um armazém vazio. No soalho abria-se um alçapão. Desceu. O subterrâneo compunha-se de dois corredores em cruz e desnivelados por uma escada de sete degraus. Um desses corredores dava para o interior da falsa estátua.

Dum relance — o marquês compreendeu tudo. O velhaco de Bojerson tinha-o enganado com inteligência. O trem parara no

Aterro e ele conduziu-o ao barracão; depois guiara-o ao subterrâneo e obrigara-o a percorrer várias vezes os mesmos corredores, subindo e descendo as mesmas escadas — e dando a impressão da lonjura do labirinto. Depois, quando julgasse tê-lo despistado por completo fazia ascender ao interior da estátua... de pasta, construída a poucos metros do barracão!

«Genial artil, não resta dúvida! Mas com que fito o urdira o ilusionista! E logo, numa brusca aurora da razão — o marquês com-



preendeu tudo; viu tudo claro... Safu, correndo, do barracão, e tomou o primeiro trem que passava... Meia hora depois entrava no palacete...

— D. Leonor... a menina Celeste? — perguntou ao primeiro criado que apareceu a recebê-lo, na escada.

«— Vieram buscá-las... Saíram...

E o desgraçado do servo que deu esta informação — cafu, redondo, com um pontapé que o amo lhe apontara ao ventre!

O seu plano, tão cuidadosamente traçado e há tantos anos cumprido, descastelava-se, com um sópro apenas, daquele maldito pantomineiro!

Calou-se o meu velho amigo, a tomar fôlego, e para concluir:

— Escusado será dizer qual foi o *truc* usado pelo espertíssimo de Bojerson... Aquela revelação do dr. Oldemiro de Azevedo, na noite das confidências, fôra a mola de todo o resto. Graça a ela Bojerson ficou sabendo que a curiosidade do marquês girava em redor duma «estátua ôca». Compôs com toda a lógica uma história na qual o marquês havia de cair, desenterrando o irmão do cárcere e trazendo-o aonde apetecesse ao ilusionista. Alugou aquele terreno e o respectivo barracão e pôs mãos à obra, ajudado pelos discípulos. A construção da estátua de D. José em pasta era perfeita — mas levou tempo e obrigou Bojerson a adiar durante oito dias a visita do marquês. Depois — tudo

foi fácil. O dr. Oldemiro esteve a postos — e logo que recebeu recado do dinamarquês, correu a ir buscar Celeste e D. Leonor para que estas, por sua vez, fôsem buscar o pobre Frederico de Alcântara.

«Calculuem a felicidade daqueles três entes ao poderem abraçar-se depois de tantos anos de separação e de suplício moral. O marquês tivera o irmão durante todo aquele tempo sequestrado nas caves da casa dum cumplice, em Campolide. Os cárceres das vítimas de D. José I, em Belém e na Junqueira, não eram menos humanos nem menos piedosos...

«Mas enfim... Sem os amargores da Desventura — a felicidade teria um gosto muito menos saboroso porque não havia contrastes a valorizar os bons dias, floridos depois dos dias desventurosos. O segrêdo dos Dobrões de Ouro, último negócio tratado pelo aparente pai de D. Leonor — constava apenas duma visita a uma igreja de Braga onde o baú ficara lacrado e selado à espera que o viessem requisitá-lo... Graças a essa fortuna — Frederico de Alcântara pôde emigrar para Espanha, onde Oldemiro de Azevedo se casou de Celeste seis meses depois. Bojerson — era da rubrica — foi o padrinho do casamento; e ofereceu aos noivos, como presente de núpcias, a notícia que o simpático tio aparecera degolado, uma manhã, no seu leito... Nunca se soube quem era o autor do crime — e difícil era encontrá-lo entre tantas vítimas das suas ignominias, aquela que o Destino escolheu para vingar a todas...

Novo e último silêncio do velho amigo, aproveitado para espalmar as mãos papudas sob o bafo ardente do brazido. Depois...

— Você que é de Lisboa deve conhecer, pelo menos de «tableta» — um consultório médico instalado na Rua Augusta — o consultório do dr. Bojerson de Azevedo...

— Conheço, sim... Creio mesmo que não é só a *tableta* mas também a pessoa — um rapaz da minha idade, alourado, simpático, vivo, formado há coisa de quinze anos e já com bastante nome como cirurgião...

— Esse mesmo... Pois bem. O dr. Bojerson de Azevedo, com consultório em Lisboa, Rua Augusta no...; é nada mais nada menos do que neto do dr. Oldemiro de Azevedo e de D. Celeste de Alcântara Linhares de Azevedo, com quem você acaba de se relacionar através deste episódio da vida do famoso ilusionista. Oldemiro e Celeste tiveram um filho e uma filha. A filha casou com o dr. Rodrigo Menezes que foi consul de Portugal em Barcelona. Por lá morreu, sem descendentes. O filho, afilhado do dinamarquês, que veiu expressamente de Copenhague baptisá-lo, recebeu o nome do salvador de sua mãe e dos amores de seu pai. Por sua vez, o filho de Oldemiro e de D. Celeste casou com uma menina portuguesa, de apelido Sampaio Malafaia — e teve um filho único; e como na família se prestava culto tradicional ao generoso ilusionismo do célebre dinamarquês, e como o simpático ilusionista não podia vir, com os seus *tr* e os seus gestos teatrais baptisar o neto de D. Celeste — o pai pôs-lhe também o nome de Bojerson — para perpetuar assim a sua gratidão. De facto — sem aquele Bojerson de bigodeira ruiva e calças de major reformado não teria sido possível a vinda a este mundo destes outros dois Bojersons lusitanos...

A EVOLUÇÃO DO NAMORO DO PASSEIO PÚBLICO Tamariz

Do «Tamariz ao Passeio Público» devia eu ter escrito porque foi o Tamariz que me levou ao Passeio.

...Era no Outono, nos Estoris, e a tarde caía, (porque a tarde cai sempre,) langorosa e clara. No horizonte havia silêncio de névens paradas, perto havia música. Um jazz hiper-preto, cabriolava um charleston espanholado que a Bébé, a João e a Bô coreavam sublinhando os compassos com mímica de ombros e trejeitos das coxas mal contidas no ritmo das cadeiras.

Madre comprame um negro. Comprame um negro. En el bazar!...

O jazz calou-se e elas ficaram a cochichar coisas malévolas deerto, debruçadas sobre as chifaras e puxando fumaças dos cigarritos janotas.

— Olha, lá vem o teu Kissel... Voltei-me e em lugar de um carro vi um rapaz esguio, loiro, todo «bois de roses» que se dirigia ao grupo com um ar estudado de figurino.

A interpelada respondeu: — Olhem como ele vem *chalado*... É com ciúmes do Packard...

Eu não percebi e fiz cara de parvo. Cara de tão parvo que a Bébé, que é minha amiga, disse para as outras:

— Vocês querem conhecer um fossil? — Ó C... chega-te para aqui.

O Kissel passava de largo acenando com um dedo às três raparigas.

Então a Bébé voltou-se para mim: — Ficaste a zero, hein? Quando oviste falar no Kissel julgaste que era um carro e saiu-te um pateta... Perdôa Bô...

— Ah, podes dizer!...

E continuando a explicação: — É que a gente *agora* não os trata pelos nomes. É pelas *marcas*.

— E se eles não têm carro? — Se não têm carro não marcam...

A Bô, olhando-me cheia de curiosidade perguntou-me:

— Você não sabia isto? Então onde vive você?

— Eu sei lá! No mundo...

— É giro viver no mundo e não saber isto.

A «João» trocou:

— É que vive no outro mundo...

A propósito do outro mundo, sabem vocês que o da Gi esteve a morrer com a coca...

Eu então perguntei saloia-

mente:

— O da Gi que marca é? — Uma «voiture bébé» qualquer... É dos tais que se apaixonam.

todos os dias e algum mais parvo faz cenas de ciúmes por escrito. Se a gente gosta defende-se, se não, muda de marca...

Vieram chamá-las e a conversa acabou. A pensar nesta evolução do namoro lisboeta deixei a beira-mar, tomei o «electrico», meti-me em casa e dei fundo numa poltrona velha propícia a viagens saudosistas e raposeiras de sésta. A conversa das pequenas divertira-me mas, sem eu querer, levava-me para longe, para outra Lisboa mais pitoresca mais romântica e quiçá tão parva como esta.

Os olhos pousaram na estante dos livros e lembrei-me de um déles, volumezito velho onde um curioso tinha juntado várias coisas, um catecismo, uma fisiologia de P. de Kock, uma oração fúnebre e uma resenha de modelos clássicos para cartas de namoro fino. Esse epistolário para uso da grande roda iria dizer-me alguma coisa sobre os namoros do Passeio Público, em San Carlos e nas Académias do tempo.

Pesquei o volume e depois de um quarto de hora de leitura não me arrependi.

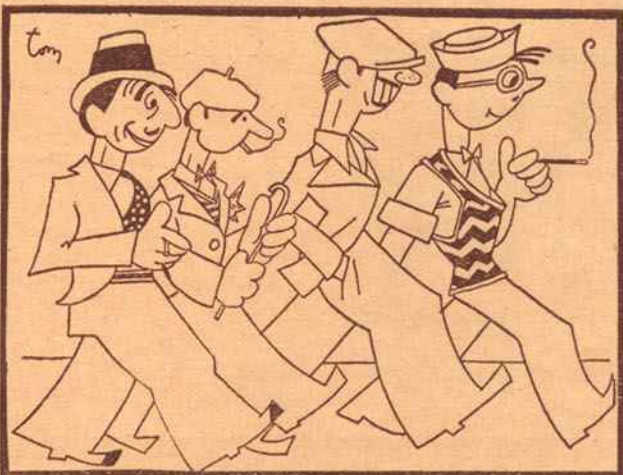
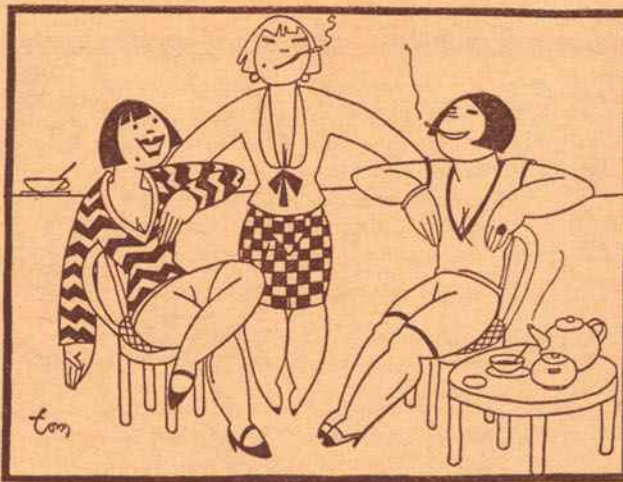
Não sou egoísta e vou dar aos leitores quinhão largo da minha pitaça.

A edição do volume data de 1857 portanto em plena hegemonia do Passeio Público.

O Passeio foi um retiro quadrado que dos Restauradores subia pouco mais ou menos até à Rua das Pretas e onde tódas as tardes passeava a Lisboa de então. Tinha música, lagos e peixes. Era do tempo da olhadela langorosa,

do scotish, da mazurca, da palidez etérea e do «vem ver, ó virgem, como surge a lua»... acompanhado ao piano aguitarrado dos irmãos Collard, fabricantes em Londres. Era do tempo das coisas típicas, tempo em que era preciso ser triste para amar e, depois, amar com tristeza... Todos os galãs deviam chorar alguém e, bastas vezes inventavam uma defunta no passado para iscar o anzol de preto na pesca das vivas. Era o tempo da flôr ao peito, da linguagem dos leques e do alfabeto dos surdos mudos para colóquios distantes. O amor era assim... mistério, suspiro e lágrima. E quando escrevia? Oh, quando escrevia o Amor trovejava, queixava-se, rabiava em frases sonoras e pontos de exclamação. Mas, para isso, para chegar a dizer de sua justiça e da sua eternidade era da praxe entregar a primeira carta.

A primeira carta! Quantas



olhadelas primeiro! Quantas tardes de colóquio mudo por cima dos ombros das mããs de lenço!

E Ele passando, passando, a fazer partes ligeiras com a badine de unicórnio e a indicar clandestinamente com o dedo da luva a pontinha branca da missiva a surdir da algibeira de peito da sobrecasaca cintada, logo abaixo do cravo. Ela disfarçava, còrava, a mãe, olhava o céu e depois ela condescendia fechando os olhotos e còrava, còrava até que a família levantando-se punha termo àquele doce tormento de ter dito que sim. No dia seguinte o galego fazia o resto...

A carta... que dizia êsse pápelinho perfumado e surreiteiro. O meu folheto subdividia as epístolas em géneros como Linneu fez aos peixes e chamava aos namorados «amantes» palavra que então era ortodoxa como um bispo grego.

Ouçamos um amante de qualidade:

«Senhora:

«Enquanto a música divina de Bellini enchia a magestosa sala pareceu-me que vossos olhos demoravam nos meus a sua doce mirada... Enganei-me?

...Dizei-me pois se a pobre sonâmbula que é a minha alma terá que despenhar-se no abismo ou subir por vossa mão ao Paraíso de todas as delícias...»

Menos musical mas também inspirado e triste é êste amante queixozo:

«Duas cartas vos tenho escrito e nem um sinal, nem uma palavra nem um simples olhar que trouxesse um raio de esperança ao escravo da vossa formosura!!!

«Bela Henriqueta, tentando o impossível ainda passarei hoje sob a vossa janela. Se me virdes vestido de negro sabe que é o luto da minha alma expresso no meu trajar...»

Agora o amante estouvado:

«Sou filho de um director do Banco de Portugal, tenho um «cabrioleto», fumo dez charutos por dia e se a vós, linda Arminda, não desagrada o meu todo, escravo, em mim tereis, dos vossos caprichos...»

Outro tanto não diria êste, a quem o autor chama amante furibundo:

«É de mais senhora!!! Há dois anos fugindo ao carro dos vossos caprichos para no fim ser atraído! Eu vi, pérfida Luisa, eu vi! E o meu rival não calou que vós lhe derais um beijo... Ah! Que mulher falará verdade se Luisa mentiu?!»

E para fechar com chave de ouro êste pedacinho do amante feliz:

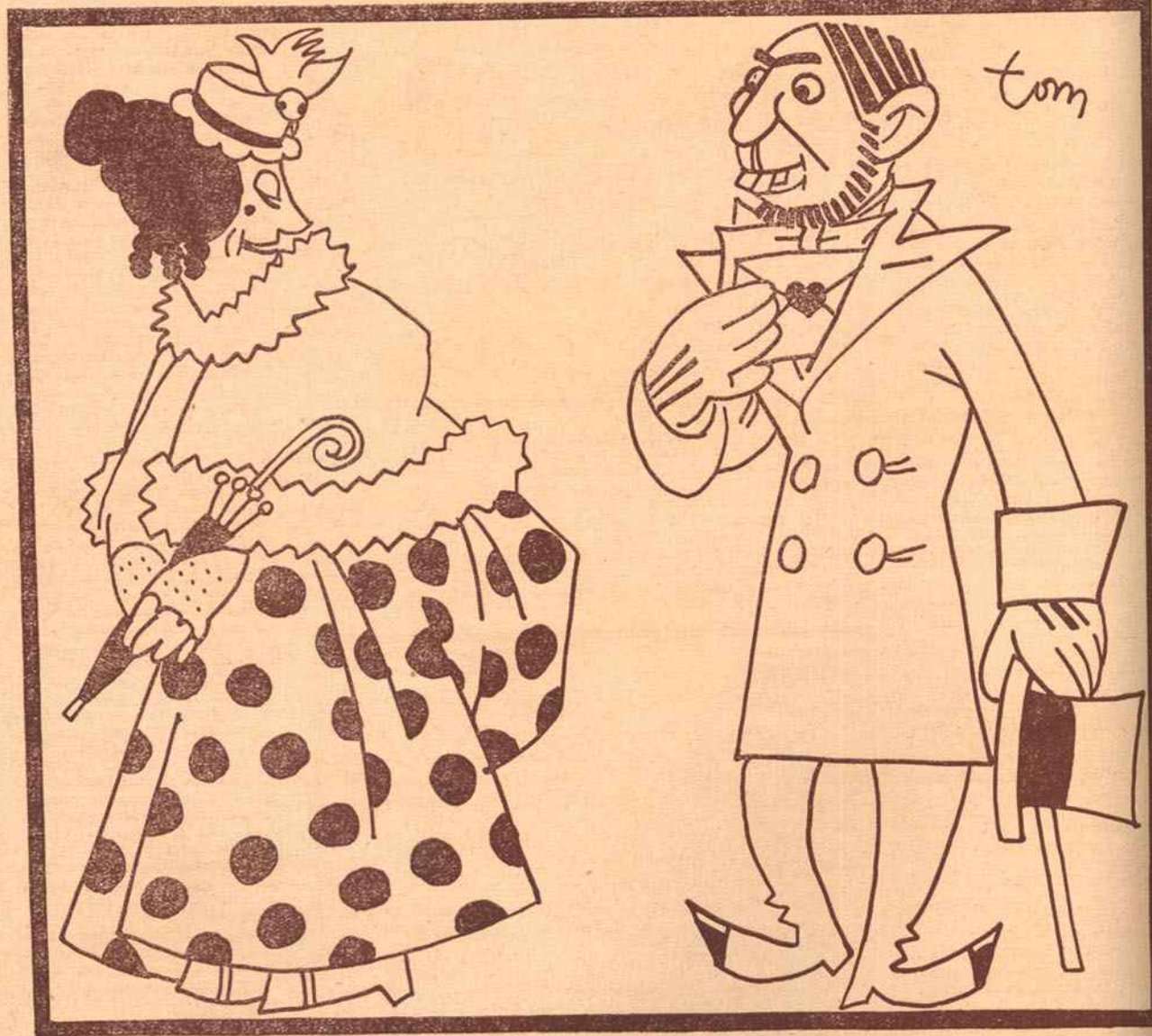
«Potência do Céu! Dai-me voz para louvar a mim que só tinha garganta para queixumes. Júlia me ama! Júlia o confessa!! A felicidade está perto...»

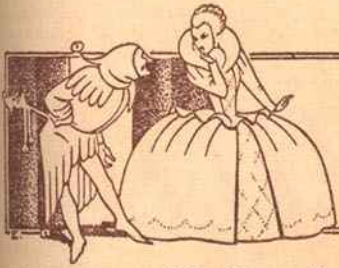
Eram piores? Eram melhores os amantes de então que fumavam dez charutos e tinham «cabrioleto» como os de hoje bebem «cocktails» e têm Packards e Águias Brancas? Creio que não eram piores nem melhores somente não corriam tão facilmente o risco de elas mudarem de marca ou de *carrosserie*... Em 1857 o divórcio era ainda para os mal casados uma esperança tão vagamente entrevista como a pontinha misteriosa da carta de namoro perfumada que andava a espreitar por detrás do cravo triste nas tardes langorosas do Passeio Público.

Como então os jardins de Lisboa enchem-se de crianças pela tarde o que prova incontestavelmente que os resultados são os mesmos e embora os meios sejam deficientes a aritmética triunfa. Mais lágrima menos lágrima, mais suspiro menos suspiro e o verbo multiplicar continua sendo um verbo activo...

E é o que Deus quer. O resto são fórmulas...

CASTELO DE MORAIS.





Teatro



OS NOSSOS ARTISTAS

AMELIA REY COLAÇO

Um temperamento. Alma, nervos e coração. Tudo nela vibra, tôdas as fibras mais íntimas do seu ser estremeceem, quando ela fala, quando ela nos diz do sentir das suas mulheres — essas mulheres-bonecas, em que ela é a única e inconfundível, na vida fictícia do Palco, que a-pesar de ilusória não deixa de ser um apanhado da vida a valer, da nossa vida.

Amélia tem um geito especial para nos dar



Amélia Rey Colaço

desequilíbrios psíquicos, ela, tão equilibrada, na sua vida de todos os dias.

É a «vamp» da scena portuguesa, ela, que na quietação do seu lar tranqüilo, entre o espôso e a filha, é a mais honesta incarnação da burguesinha antiga, antes da *garçonne* e da mulher-polícia.

A crisálida esperançosa da *Marianela*, a rapariguinha franzina do *Amanhecer*, está hoje borboleta de asas multicolors, esvoaçando à luz da ribalta, de coração em coração — os corações que ela traz até nós, em lágrimas e risos.

A donzela de linhas mal definidas, na sua graça púbere, desabrochou nessa linda mulher, de olhos lindos de um castanho doirado como os seus cabelos, que sabe dar-nos da vida real tôdas as tintas, nas suas modalidades diversas, porque o amor safu-lhe ao

caminho, desfechou o seu arco e abriu-lhe os olhos para a vida.

É possível que Amélia, pelos seus nervos, pelo seu físico sedutor, destinada às mulheres-fatais do palco, não goste d'esses papeis, como acontece a Brigitte Helm, a vampiresa da tela branca, que artisticamente se aproxima do feitio de Amélia Rey Colaço.

Mas, tal como a sua colega alemã, ela sujeita-se, pela arte, e vive essas personagens, como se as sentisse, sem repugnância visível.

É que Amélia Rey Colaço, por essa duplicidade artística que nem tôdas as artistas dominam completamente, quando entra em scena, esquece-se de si própria e passa a viver da vida das personagens que os autores confiaram ao seu talento e à sua consciência.

E só torna a ser ela, quando o pano cái sobre os últimos aplausos, quando recupera a sua liberdade.

ROBLES MONTEIRO

O esposo feliz de Amélia Rey Colaço. E digo feliz, com a maior convicção, porque êle encontrou o seu ideal sem uma falha: talento, belesa e virtude.

E não contente em ser assim, um preferido da Fortuna, um eleito da Ventura, ainda concorrem nele próprio qualidades para o tornarem ainda mais contente e mais satisfeito com as fadas que se deram *rendez-vous*, junto do seu berço.

É artista, e artista a sério. É actor, não só na designação que indica um modo de vida, um ganha-pão, mas porque *representa...* e representa a preceito.

Em todos os misteres há bons e e maus operários. Uns, sem vocação, só com o intento de fazer dinheiro; outros, com o amor à sua arte, querendo dar belesa ao seu trabalho.

Sem vocação não há belesa, não há encanto, em obra alguma. Há só linhas mais ou menos correctas.

O artifice cumpre simplesmente, quando não quer à sua arte. Nunca deslumbra, nunca chama, sobre a sua obra, o olhar demorado de um conhecedor.

Robles Monteiro é um actor de vocação. Ama a sua arte, e serve-a com veneração, com respeito.

Nos seus papéis, êle nunca transige, com os gostos do público, que quer, às vezes, vêr farça onde só há graça.

Êle é todo pormenores, todo minúcias, nos seus desempenhos, arrancando do íntimo dos «seus homens» todos os sentimentos nobres ou mesquinhos, e pondo-os a nú ante o espectador.

Não se lembram como êle «viveu» essa tra-



Robles Monteiro

gédia rústica de Samuel Maia, *Brás Gardunha?*

Lembram-se, decerto.

Pode fazer-se melhor? Pode despir-se mais uma alma?

Não pode.

O teatro é que pode contar cada vez mais com êle, para dar-lhe novo brilho.

É um digno parceiro de sua mulher.

Como empresário, a sua seriedade e o seu cavalheirismo servem-no, à maravilha, para lhe grangear tôdas as simpatias.

Além disso, um trato delicado, afável, e uma inteligência de bom quilate.

Robles Monteiro, pelo seu porte, pelas suas maneiras fidalgas, por toda essa distinção que o assinala entre a gente de teatro, é um verdadeiro *gentleman*, no sentido mais inglês da palavra.

MERCEDES BLASCO.



Passatempo

ENTRE MARIDO E MULHER

Ele:—Cem escudos de perfumaria num mês! Que barbaridade! E tudo para se perder em perfume, no ar.

Ela:—Pois olha, meu amigo, juntar-se há, no ar, com o fumo dos teus cigarros, nos quais tu gastas cerca de duzentos escudos. Por isso estamos quites!

Uma mulher, acusada de qualquer delito, foi obrigada a comparecer diante do tribunal.

—Quantos filhos tem?—pregunta-lhe o juiz.
 —Seis, senhor juiz—respondeu a mulher com um sorriso parvo.
 —Que idade tem o mais novo?
 —O mais novo já morreu, senhor juiz, mas depois disso já me nasceu outro!



O farrador está bem visível. Outro tanto não podemos dizer do cavalo. Creiam, porém, que ele lá está. Procurem-o e em breve o encontrarão

A Joana tinha sido colocada pela tia, como criada de todo o serviço, numa casa de três pessoas. No fim da semana a tia passou por lá para vêr como ela se fa dando.

—Estás contente com o serviço?—perguntou-lhe ela.

—Estou—respondeu a lacônica Joana.
 —E tratam-te como familia ou não?
 —Umaz vezes tratam, outras não.
 —O que é que queres dizer com isso?
 Não entendo—volveu a tia.

—Olhe, ainda não me convidaram para ir dar um passeio com êles; mas ontem ao jantar continuaram com uma grande questão que estavam tendo, todos três uns com os outros, quando eu andava a servir à mesa, tal e qual como se eu pertencesse à familia.

AS QUATRO FITAS (Solução)



COUSA CERTA

A Nini:—Todos os anjos vóam, mãesinha?

A mãe:—Vóam, sim. Porque perguntas isso?

A Nini:—Porque a nossa criada de fóra, a Inês, não sabe voar e o papá chama-lhe anjo.

A mãe:—Ah! Verás como ela amanhã já vóa, filha.

PROCURANDO RODEIOS

O Quim (vindo de vêr as suas notas no fim do ano escolar):—O papá está com sorte, êste ano.

O pai:—Porquê? O que queres dizer com isso?

O Quim:—Porque não tem de me comprar livros de estudo novos; esqueceram-se de me fazer passar de ano.

O COLAR DE CONTAS

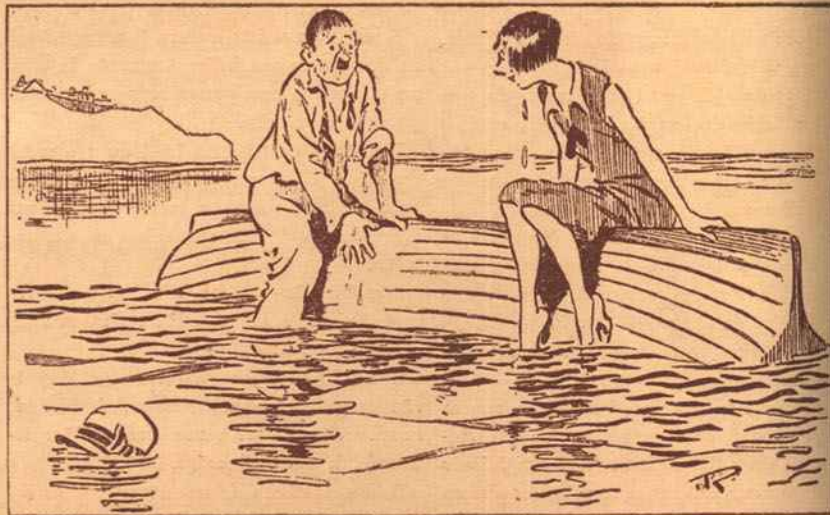
(Problema)

Quantos colares diferentes se podem fazer com oito contas sendo as contas, quer brancas quer pretas e não se distinguindo umas das outras senão pela côr? Por exemplo, serem oito brancas ou oito pretas, ou sete brancas e uma preta, ou seis brancas e duas pretas como na gravura, e assim por diante. Está bem de vêr, se trocarmos a preta



n.º 3 com a 4 ou com a 5 ou com a 6 temos colares diferentes. Mas se trocarmos a 3 com a 7 será o mesmo que trocar a 3 com a 5 porque é apenas virar o colar. Por isso devemos ter cuidado em não contar essas repetições como diferentes.

O problema não é difficil e a resposta é mais simples do que talvez imaginem.



A esposa, optimista:—Olha que ainda foi sorte, a visinhança ter visto o meu chapéu novo antes de isto acontecer, não achas?

NA PRAÇA IRREGULAR, DESNIVELADA, VEEM-SE PORTAIS QUE GUARNECEM MISERAS BARRACAS E A MOLE TRISTE DA IGREJA PAROQUIAL...

B. Perez Galdós.

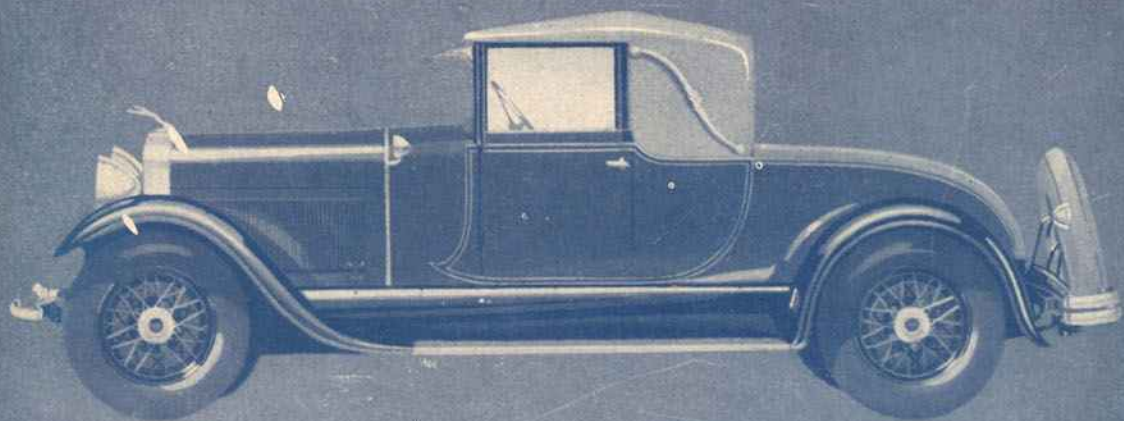
Neste ambiente placido e tranquilo de praça aldeã o LINCOLN põe uma nota exótica e vibrante de cosmopolitismo.

Percorrer as pequenas povoações da Península em um LINCOLN é um contraste que nunca se esquece. LINCOLN é o carro dos turistas endinheirados, dos viajantes de espírito selecto e alta posição social. LINCOLN exprime opulencia, distinção e gosto impecavel.

LINCOLN

Ford
COCHES Y
CAMIONES
Fordson
TRACTORES

Ford Motor Ibérica
BARCELONA



para
evitar
a detonação



a experiencia recomenda

**Auto-
Gazo**

Gazolina anti-detonante

VACUUM OIL COMPANY

Fabricantes dos Óleos Gargoyle Mobiloil
